

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
PROGRAMA DE SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL**

**PROPOSTA PARA UM MODELO DE  
GLOSSÁRIO DE INFORMÁTICA PARA  
TRADUTORES**

**Guilherme Fromm**

**São Paulo  
2002**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL**

**PROPOSTA PARA UM MODELO DE GLOSSÁRIO DE  
INFORMÁTICA PARA TRADUTORES**

**Guilherme Fromm**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Lingüística Geral, do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert**

**São Paulo  
2002**

**Ao meu pai,  
que sempre me incentivou a estudar.**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	iv
<b>ABSTRACT</b> .....	v
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>2. A TRADUÇÃO E A PRODUÇÃO DE TEXTOS DE INFORMÁTICA</b> .....	3
<b>3. CÓRPUS</b> .....	9
3.1 DEFINIÇÃO DE CÓRPUS.....	9
3.2 A COMPOSIÇÃO DO CÓRPUS DE DICIONÁRIOS.....	10
3.3 CÓRPUS DE INFORMÁTICA.....	11
3.3.1 Conteúdo.....	11
3.3.2 Origem dos textos.....	12
3.3.3 Identificação do cópuz.....	13
3.3.4 Extensão/dimensão.....	14
<b>4. OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOLÓGICAS: DEFINIÇÕES</b> ....	16
4.1. MACROESTRUTURA.....	19
4.2. MICROESTRUTURA.....	21
4.3. REMISSIVAS.....	23
<b>5. COMPARANDO MODELOS</b> .....	25
5.1 OS DICIONÁRIOS E SUAS PROPOSTAS.....	25
5.2 ANÁLISE DAS MACROESTRUTURAS.....	28
5.3 ANÁLISE DAS MICROESTRUTURAS.....	31
5.3.1 Análise comparativa dos verbetes.....	31
5.3.2 Análise comparativa da estrutura dos verbetes.....	37
5.4 SISTEMA DE REMISSIVAS.....	38
5.5 ANÁLISE CONTRASTIVA.....	40
<b>6. PROPOSTA DE UM NOVO MODELO</b> .....	43
6.1. ÁRVORE DE DOMÍNIO DA INFORMÁTICA.....	44
6.2. PERFIL DA ÁREA.....	45
6.3. ELABORAÇÃO DA MACROESTRUTURA.....	46
6.4. ELABORAÇÃO DA MICROESTRUTURA.....	48
6.4.1 Paradigma Definicional.....	48
6.4.2 Paradigma Informacional.....	50
6.4.3 Paradigma Pragmático.....	52
6.4.4 Paradigma de Forma Equivalente.....	53
6.5. ELABORAÇÃO DO SISTEMA DE REMISSIVAS.....	53
6.6. FICHA TERMINOLÓGICA.....	54
6.6.1 Sobre a ficha terminológica.....	56
6.7. TIPO DE MÍDIA DE SAÍDA.....	58
6.8. APLICAÇÃO DO MODELO PROPOSTO.....	59
6.8.1 Exemplificação.....	59
6.8.1.1 Considerações sobre o processo de exemplificação.....	60
6.8.1.2 Fichas terminológicas.....	60
6.8.1.3 Construção dos verbetes.....	66
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	68
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	72
<b>ANEXO</b> .....	76

## RESUMO

A motivação inicial para este trabalho é a busca de resposta a uma simples pergunta formulada por um colega tradutor: Afinal, quando devemos traduzir um termo de informática?. Essa pergunta, bastante intrigante, vem-nos perseguindo a um longo tempo.

Enquanto em outras áreas os tradutores instintivamente procuram por traduções dos termos com os quais estão trabalhando e, via de regra, os encontram em dicionários (especializados ou não), na área de informática esse processo não é automático. Nessa área muitos termos não são traduzidos (empréstimos, como as siglas), outros são decalcados (neologismos verbais, por exemplo) e outros apresentam, ainda, uma dupla ou tripla possibilidade de escolha no momento da tradução (empréstimo, decalque ou tradução literal). O grande problema, então, passa a ser a tradução ou não dos termos e ainda reconhecer, entre as várias possibilidades, a melhor opção.

Para dirimir as dúvidas dos colegas tradutores, optamos pela análise crítica dos materiais existentes, porém não específicos para a área de tradução (através de um cópús baseado em obras já publicadas sob o designativo, nem sempre preciso, de dicionário de informática). Posteriormente, propomos a elaboração, em todas as suas etapas, de um novo material que vise a um profissional em particular: um glossário de informática específico para os tradutores, no qual serão elaborados os modelos de macro/microestruturas e sistema de remissivas, baseados em palavras retiradas de um cópús específico de informática.

**Palavras-chave:** Lexicologia. Terminologia. Terminografia. Tradução. Informática.

## ABSTRACT

The initial idea for this work is the answer for a simple question asked by a translation colleague. When should we translate Information Technology terms from English to Portuguese? This question, very intriguing, is demanding us a solution for a long time.

While in other areas the translators look for translations of the terms they are working with and, generally, find them in the dictionaries (specialized or not), in the information technology field this process is not automatic. Many terms are not translated (loans, like an abbreviation), others are adapted (like verbal neologisms, for example) and others present double or triple possibility in the translation act (literal translation, loan or adaptation). The great problem becomes, then, the translation or not of the terms and the recognition, among a lot of possibilities, of the best choice.

To solve the doubts of the translation colleagues, we decided for a critical analysis of the existing materials, although they are not specific for the translation field (it is a corpus based on published works called, incorrectly, IT dictionaries). Later, we propose the development, in all its stages, of a new material that aims a particular professional: an IT glossary specific for translators, in which it will be created the macro and microstructures and the remissive system, based on words taken from a specific IT corpus.

**KEYWORDS.** Lexicology. Terminology. Terminography. Translation. Information Technology.

# 1. INTRODUÇÃO

O objetivo básico deste trabalho é apresentar a proposta de um **modelo de glossário** na área de informática o qual atenda às necessidades do tradutor.

Para tanto, começaremos discutindo algumas noções de tradução, especialmente no que concerne às modalidades (modelo de AUBERT, 1998) envolvidas no ato tradutório. Relacionaremos essas modalidades com a tradução na área de informática e as dificuldades que o tradutor enfrenta para achar um instrumento de trabalho adequado, que é o dicionário.

Para a proposição de um modelo, constituímos dois *cópus*<sup>1</sup> para análise: o primeiro é composto por cinco “dicionários” disponíveis na área; e o segundo por textos retirados de seções específicas de informática de dois jornais e uma revista. Fazemos uma análise contrastiva do primeiro *cópus* para verificar o sistema de construção dos modelos de macroestrutura, microestrutura e remissivas. Usamos o segundo *cópus* para a aplicação do modelo que propomos.

Antes de propor algum modelo, contudo, entendemos ser necessário analisar as definições existentes em obras lexicográficas/terminológicas, assim como verificar a estruturação das macro/microestruturas e o sistema de remissivas, tanto do ponto de vista teórico quanto prático, em algumas obras disponíveis no mercado. O passo seguinte será analisar o primeiro *cópus*, observando individualmente: as propostas da obra (se existentes), a macroestrutura, as microestruturas, por meio do que apresentamos uma seleção de verbetes, comparativamente, e o sistema de remissivas. Por fim, realizamos uma avaliação contrastiva entre as obras a partir dos itens citados anteriormente.

---

<sup>1</sup> Usaremos a forma aportuguesada da palavra *corpus* (latim), seguindo o paradigma de *lápiz*.

Com base nessa análise contrastiva, discutiremos as lacunas e incongruências internas às obras, as quais possibilitarão a proposição de novo modelo. Iniciamos com a árvore de domínio e um perfil morfo-sintático-semântico da área.

Apresentamos, a seguir, nossas avaliações do que seriam os modelos para uma obra voltada para o tradutor. Nesse sentido, propomos uma macroestrutura, uma microestrutura e um sistema de remissivas, para cuja aplicação elaboramos uma ficha terminológica, testada com o *cópus* de informática, em que os itens selecionados obedecerão ao critério da frequência.

Faremos, então, algumas considerações finais quanto a essa proposta e a sua aplicabilidade em versões publicadas em papel e, principalmente, no meio eletrônico e/ou através da Internet.

## 2. A TRADUÇÃO E A PRODUÇÃO DE TEXTOS DE INFORMÁTICA

A maioria das áreas de tecnologia de ponta proporciona um constante enriquecimento do léxico (e, por vezes, da fraseologia) da língua. É ao que vimos assistindo, especialmente nas últimas duas décadas, com relação à área de informática. Essa é uma área extremamente dinâmica, onde novas tecnologias aparecem (e desaparecem) a qualquer momento, onde novas terminologias devem ser assimiladas pelos especialistas numa taxa muito superior à de várias outras ciências, básicas ou aplicadas. Tal fenômeno é atribuído à grande evolução da área, que exige constante atualização por parte dos profissionais que nela atuam bem como daqueles que nela prestam serviços (fornecedores, redatores técnicos, tradutores, entre outros). Conforme veremos mais adiante, na árvore conceptual da informática, a área é extremamente abrangente, cobrindo várias subdivisões. Assim, mesmo entre os profissionais, o que se espera é que detenham um domínio geral da área, não um conhecimento completo.

Essa dinâmica, com sua variabilidade e mutabilidade constantes, acaba refletida no processo de tradução. O tradutor que lida somente com a área terá um domínio bastante razoável da terminologia específica. Já o tradutor que apenas ocasionalmente trabalha com textos de ou sobre a informática, terá de recorrer a ferramentas auxiliares confiáveis (leiam-se dicionários). Para ambos, porém, um ponto não fica claro: quando se deve traduzir um novo termo e quando se deve deixá-lo no original.

Desde que a área começou a desenvolver-se, podemos perceber uma tendência, por parte dos tradutores nela especializados, de simplesmente não traduzir determinados termos, seja pela dificuldade em encontrar uma tradução adequada (já que normalmente se trata de novas tecnologias), seja pela impropriedade circunstancial de fazer tal tradução (frente às limitações impostas pelos clientes, que tendem a preferir termos na língua de partida, considerados universais). As dúvidas, hesitações e soluções *ad hoc* são circunstâncias inerentes à prática tradutória.

Por vezes, os tradutores propiciam soluções criativas. Muitas vezes, no entanto, contribuem, ainda que involuntariamente, para uma confusão terminológica e

conceptual, representando, pois, risco evidente para a eficácia da comunicação interlingual. Constitui pressuposto do presente trabalho que esse risco poderia ser limitado caso os tradutores, especialistas ou não, dispusessem de uma obra terminológica coerente que apresentasse, para cada termo, várias possibilidades de tradução (inclusive, quando fosse o caso, a não tradução do termo), de acordo com a frequência e levando em conta os contextos de atualização. Tal obra, portanto, deveria apresentar não apenas uma lista de verbetes com suas respectivas definições, mas ainda a ordem de frequência que as diversas traduções de cada termo apresentam, contextualizando-as.<sup>2</sup>

O processo de tradução, segundo a teoria apresentada por Aubert, inclui treze modalidades, sendo essas distribuídas dentro de duas formas abrangentes: traduções diretas (dentro do eixo do paradigma) e traduções indiretas (trabalhando com os eixos paradigmático e sintagmático ao mesmo tempo). No primeiro conjunto são abarcadas as omissões, transcrições, empréstimos, decalques, tradução literal e a transposição (já aqui entrando na intersecção entre os eixos do paradigma e do sintagma). No segundo conjunto, a transposição, a explicitação/implicitação, a modulação, a adaptação, a tradução intersemiótica são aspectos considerados. Além dessas, existem, ainda, o erro, a correção e o acréscimo. No caso do presente estudo, analisamos apenas as traduções diretas, uma vez que o âmbito lexical nos interessa sobremaneira.

A **omissão** (quando uma informação no texto da língua de partida não pode ser recuperada no texto da língua de chegada) parece não constituir uma modalidade de destaque na área de informática. A objetividade (na maioria das vezes), típica do discurso técnico-científico, e a necessidade de entendimento de todos os termos, por parte do leitor, dificultam o movimento de elidir informações do texto, mesmo que o tradutor a considere óbvia (já que em grande parte dos casos não é óbvio nem para o tradutor experiente).

A **transcrição** (segmentos de textos que pertencem a ambas as línguas) se faz muito presente quando o tradutor tem que reproduzir seqüências de código de

---

<sup>2</sup> A frequência contextualizada permite depreender índices de probabilidade de adequação tradutória, na linha originariamente proposta por Catford (1980, *apud* Aubert, 1998).

programação. Esses códigos, apesar de estarem em inglês, são universais, já que só se programa em inglês. Nesse caso, somente o que apareceria na tela (as mensagens exibidas pelo código dentro dos programas) deveria ser traduzido.

O **empréstimo** (segmento da língua de partida representado na língua de chegada com ou sem marcadores específicos), por outro lado, é uma das grandes fontes de desconforto para o tradutor. Muitos termos específicos da área geram uma dúvida constante: devem ser emprestados ou traduzidos? CARVALHO (1989, p. 34 a 51) coloca o português como uma língua amalgamada, ou seja, receptiva aos empréstimos de línguas com estruturas semelhantes. Esses empréstimos (citando Bloomfield) seriam culturais, advindos de contatos políticos, sociais e comerciais. Estariam, sobretudo, na camada lexical da língua, sendo, inicialmente, monossêmicos. Essa receptividade a que estamos acostumados, por meio de anglicismos, galicismos, germanismos e outros, permite ao tradutor uma flexibilidade no ato tradutório. O tradutor pode simplesmente deixar a palavra no original<sup>3</sup>, com sua respectiva carga semântica, ao invés de tentar traduzi-la, já que o leitor especializado está acostumado com isso (e o leitor está acostumado com isso porque os termos não são traduzidos, em um processo circular de reforço aparentemente continuado).

O **decalque** (palavras emprestadas que sofreram adaptações gráficas e/ou morfológicas) constitui-se como o próximo passo na utilização dos termos. Enquanto em um primeiro momento o tradutor pode usar o léxico original e uma construção sintática em português para resolver uma questão em determinada tradução (como um verbo em inglês, derivado de um substantivo ou de uma sigla<sup>4</sup>), o usuário e o próprio tradutor, em momentos posteriores, podem decalcar o uso desse léxico para o português (no caso do verbo, conjugando o empréstimo como se fosse um verbo em português).

Enquanto CARVALHO (1989) considera o decalque como um empréstimo em si (em contraposição ao estrangeirismo, que seria o primeiro momento do percurso), ALVES (1990, p.73-80) considera um importante fator de criação lexical, o

---

<sup>3</sup> CARVALHO considera essas formas inalteradas como *xenismos* (1989, p.44).

<sup>4</sup> Segundo ALVES (2001, p. 13), a sigla equivale à junção das letras iniciais de um sintagma.

neologismo, processo de integração à morfossintática de um termo (enquadrando-se, por exemplo, dentro das classes gramaticais e dos conceitos de gênero e número), a partir do qual são criados derivados e compostos. Aqui, assumimos o termo *decalque*<sup>5</sup> com o sentido apresentado por AUBERT, no âmbito morfológico.

Há uma barreira tênue entre empréstimos e decalques. Muitos deles aparecem simultaneamente em obras lexicográficas ou terminológicas. A palavra *scanner*, por exemplo, já consta no dicionário HOUAISS (2001) como duas entradas: o empréstimo *scanner* e o decalque *escâner*, além das derivações *escanear*, *escaneador*, *escaneadora*, *escaneamento*.

A **tradução literal**, considerada tradução de palavra-por-palavra, seria uma seqüência dentro do eixo sintagmático que manteria, no nível do paradigma, a mesma estrutura em ambas as línguas (mesmo número de palavras, mesma ordem sintática, mesmas categorias gramaticais e, dentro do léxico, palavras consideradas sinônimos interlingüísticos). Nesse caso em específico, não haveria grandes dificuldades para o tradutor quanto aos termos, já que eles teriam uma tradução adequada. A grande questão é que essa tradução adequada, a ser buscada no eixo paradigmático, não é determinável a priori, mas deve levar em conta o co-texto e o contexto de atualização. A microestrutura de uma entrada em dicionário abriga, freqüentemente, mais de uma definição ou sinônimo. Esses normalmente não são contextualizados (ou não contextualizados dentro de um *cópus*) e não estão dispostos em ordem de freqüência. Isso aumenta bastante a possibilidade de o tradutor incorrer em outra modalidade de tradução, o **erro**<sup>6</sup>, escolhendo a tradução inadequada para aquele termo.

A **transposição** é bastante similar à tradução literal, apenas havendo a possibilidade de arranjos morfossintáticos para a melhor adequação no eixo do sintagma. Estando de posse de uma tradução adequada de cada palavra, o tradutor

---

<sup>5</sup> De acordo com as fontes, ora o decalque é tratado no nível morfosintático (quando o termo manteria o seu significado original), ora no morfo-sintático-semântico (o termo seria adaptado não só morfosintaticamente, mas também o seu significado; outra possibilidade, no caso de falsos-cognatos, seria o uso desses com o sentido original da língua de partida).

<sup>6</sup> Quando percebemos uma incongruência com relação ao significado, no qual o termo de chegada não pertence ao campo semântico do termo de partida. Seria o equivalente de traduzir *book* por *casa*.

experiente sabe como organizá-la dentro da sentença, mesmo que para isso tenha que proceder à modificação (a ordem, a transformação de *lexias*<sup>7</sup> simples em compostas e vice-versa, etc.).

Como observado, o tradutor enfrenta várias armadilhas no processo tradutório. Suas principais ferramentas de trabalho, os dicionários e/ou glossários, nem sempre estão preparadas para ajudá-lo. Como escolher entre um empréstimo, um decalque ou uma tradução literal, se a obra terminológica não apresenta essas modalidades como casos passíveis de uso?

Essa indecisão no momento da tradução é bastante comum na área. KREMER (1999, p. 103), por exemplo, comenta em sua obra a questão da necessidade do uso de estrangeirismos por parte daqueles que traduzem o material da área de informática:

A multiplicidade de línguas freqüentes na tradução na área de informática promove, assim, uma espécie de *double bind*, ou seja, a necessidade e a impossibilidade da tradução. O estranho para a comunidade de usuários da área, sejam leigos ou especialistas, passa a ser o texto sem essas impurezas, já que os termos estrangeiros são os termos familiares. Os termos ‘maternos’ e as traduções desses termos, já consagrados como nativos à linguagem de especialidade da informática, é que se tornam diferentes, alienígenas ao sistema lingüístico.

E não é só o tradutor o único a sofrer com as escolhas entre possíveis traduções. Aqueles que escrevem no idioma vernáculo dentro dessa área (jornalistas, especialistas, etc.) também devem lidar com a oportunidade de usar termos emprestados, traduzi-los ou parafraseá-los. Essas escolhas, porém, nem sempre são claras: as três possibilidades acima podem apresentar-se concomitantemente; pode-se ou não conhecer o público a quem se destina o trabalho; alguns autores apregoam a rejeição de anglicismos, já que são contra a invasão estrangeira na nossa língua; outros defendem o uso de anglicismos, já que esses tornam o texto mais “global”; etc. Um autor que tenha dúvidas quanto à palavra a ser escolhida, pode não ter acesso a uma fonte de consulta adequada, já que a maioria dos dicionários monolíngües e bilíngües não se preocupa com o uso, somente com os significados.

---

<sup>7</sup> Na concepção de B. Pottier, *lexia* remete a uma unidade funcional significativa do

Uma obra que possa ser usada efetivamente como fonte de consultas para a solução de dúvidas, com macro/microestruturas e sistema de remissivas baseados em córpus e frequência de uso, faz-se então necessária.

## 3. CÓRPUS

### 3.1 Definição de *Corpus*

O uso de um *corpus* para validar resultados de uma pesquisa é um expediente utilizado há séculos, mas a ciência da Lingüística do *Corpus* é relativamente nova para os padrões da ciência Lingüística como um todo. As conceituações na área ainda são bastante recentes e nem sempre aplicáveis para qualquer tipo de trabalho. Para nos atermos a um dentre vários conceitos possíveis do que é um *corpus*, optamos por recorrer à definição proposta por BIDERMANN (2001, p. 79):

... *corpus* constitui um conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (orais, escritos, literários, coloquiais, etc.). Tais amostras foram escolhidas como modelo de um estado ou nível de língua predeterminado. A análise dos dados lingüísticos de um *corpus* deve permitir ampliar o conhecimento das estruturas lingüísticas da língua que eles representam.

Essa concepção serve para definir o primeiro conjunto de obras que analisaremos: os dicionários/vocabulários/glossários. Ainda que essas não sejam obras com textos regulares, é delas que retiramos os dados lingüísticos referentes à construção das macro/microestruturas e do sistema de remissivas.

BIDERMANN (*idem*) fornece, ainda, uma segunda concepção de *corpus*:

Pode-se definir um *corpus* lingüístico informatizado assim: - é uma coletânea de textos selecionados segundo critérios lingüísticos, codificados de modo padronizado e homogêneo. Essa coletânea pode ser tratada mediante processos informáticos.

Essa segunda aceção vai de encontro ao que foi realizado com os jornais e a revista que nos serviram de base para o levantamento de textos na área.

BAKER (1995, p. 229) também nos apresenta alguns critérios na seleção de um *corpus*:

Corpora are generally designed on the basis of a number of selection criteria, the most important of which are:

- (i) general language vs. restricted domain
- (ii) written vs. spoken language
- (iii) synchronic vs. diachronic
- (iv) typicality in terms of range of sources (writers/speakers) and genres (e.g. newspaper editorials, radio interviews, fiction, journal articles, court hearings)
- (v) geographical limits, e.g. British vs. American English
- (vi) monolingual vs. bilingual or multilingual.

Podemos classificar nossos *córpus*, portanto, da seguinte maneira:

<b>Córpus de Dicionários</b>	<b>Córpus de Informática</b>
○ Domínio restrito (informática)	○ Domínio restrito (informática)
○ Linguagem escrita	○ Linguagem escrita
○ Sincrônico (obras das décadas de 90/2000)	○ Sincrônico (período de análise: um ano)
○ Baseado em dicionários, vocabulários ou glossários de especialistas da área	○ Baseado em conteúdo completo dos cadernos de informática de dois jornais paulistas e uma revista de informática, todos de circulação nacional
○ Português brasileiro	○ Português brasileiro
○ Bilíngüe	○ Monolíngüe
○ Não informatizado	○ Informatizado

### **3.2 A composição do *córpus* de dicionários**

A idéia inicial, contida no projeto de pesquisa previa, para a constituição desse primeiro *córpus*, a coleta de pelo menos dez dicionários/vocabulários/glossários da área de informática. Ficou claro, porém, que o conteúdo e a estruturação de muitas dessas obras são parecidos. Resolvemos, então, restringir o material para apenas cinco obras, de modo a selecionar as que apresentavam algumas diferenças marcantes entre

si. Essas diferenças serão explicitadas posteriormente e nos fornecerão subsídios para um modelo eficaz tendo em vista o tradutor. Todas as obras apresentam-se como *dicionários*:

- *Dicionário Prático de Informática* in **DICMaxi, Dicionário Multimídia Michaelis** – DTS (obra eletrônica).
- **Jargão: o dicionário informal dos termos da informática** – Robin Williams & Steve Cummings, Callis.
- **Microsoft Press, dicionário de informática**, Editora Campus.
- **Minidicionário Saraiva Informática** – Maria Cristina Gennari, Saraiva
- **Webster's New World: dicionário de informática** – Bryan Pfaffenberger, Webster/Editora Campus

### **3.3 *Córpus de Informática***

#### **3.3.1 Conteúdo**

A delimitação da área de pesquisa desse *córpus* centrou-se em publicações gerais (revista e jornais via Internet) sobre a área de informática. Excluimos, portanto, publicações específicas (como revistas voltadas exclusivamente para programadores, com linguagens de programação e termos estritamente técnicos), manuais e *press-release* de companhias (que representam o uso de termos específicos desta ou daquela companhia) e outros por acreditarmos que não ofereceriam uma abrangência relevante para a formação de um glossário geral.

Decidimos, num primeiro momento, não especificar as subáreas apresentadas nas publicações (hardware, software, rede, dúvidas de leitores, dicas técnicas, etc.) por acreditarmos que os termos são usados por todas elas quase que indistintamente.

Há, obviamente, diferenças quando tratamos de textos escritos em português com empréstimos do inglês e traduções de artigos do inglês em que se optou por não

traduzir ou “decalcar” tal termo. Tais diferenças, quando não devidamente observadas, poderiam provocar conclusões errôneas há alguns anos (em que grande parte do material publicado era traduzida); percebemos que hoje, porém, dentro do corpus proposto, as traduções não chegam a 5% do total. Ainda assim, decidimos separar o material escrito em português das traduções.

### 3.3.2 Origem dos textos

O projeto inicial da presente pesquisa previa a coleta de material a partir de cinco publicações: cadernos de informática dos jornais **O Estado de São Paulo** e **Folha de São Paulo**, além das revistas **INFO Exame** (Editora Abril), **PC Master** (Editora Europa) e **Internet.br** (Ediouro), totalizando cinco diferentes fontes de análise no período de um ano (iniciando-se em janeiro/2001). Os cadernos de informática dos dois jornais e o conteúdo da revista INFO são disponibilizados na Internet, portanto de fácil coleta via download. As outras duas revistas não são disponibilizadas na Internet, razão pela qual seriam escaneadas e compiladas em formato digital. Após alguns meses de coleta do material, chegamos à conclusão de que seria muito difícil escanear tanto material, dada a deficiência dos programas de OCR (reconhecimento ótico de caracteres).

Decidimos, então, que o material deveria vir totalmente da Internet. Portanto, a configuração final, determinou a inclusão dos cadernos de informática dos jornais **O Estado de São Paulo** e **Folha de São Paulo** (semanais) e a revista **INFO Exame** (mensal)<sup>8</sup>. Todo o material foi coletado entre janeiro e dezembro de 2001.

---

<sup>8</sup> Essas publicações disponibilizam o material na íntegra. Muitas outras foram cogitadas como fontes, mas, por fornecerem somente trechos e/ou algumas reportagens da versão impressa, logo foram abandonadas.

### 3.3.3 Identificação do Córpus

Tendo em vista que uma separação por fonte não era o objetivo da análise (já que não procuramos linguagens específicas desta ou daquela editora e sim termos gerais da área), o critério que melhor se ajustou à organização do material foi a ordem cronológica. As fontes foram relacionadas da seguinte maneira (acompanhadas na seqüência das datas de publicação e separadas por mês):

FSP: Folha de São Paulo

OESP: O Estado de São Paulo

INFO: INFO Exame

Cada arquivo contém o texto integral de uma edição (com exceção das propagandas, gráficos, charges e tabelas de preços<sup>9</sup>). Procedemos ainda, a uma separação entre os textos originalmente escritos em português e as traduções. Resultaram desse processamento três sub-córpus:

1. Córpus geral: todo o material recolhido em todas as publicações com divisão cronológica; salvo em formato .doc (Word). Exemplo: FSP 04.04.2001.doc, contido na pasta *Córpus Geral Word/Abril*.
2. Córpus português: todo o material escrito em português, com divisão cronológica, no formato .txt (texto). Exemplo: OESP 01.01.2001.txt, contido na pasta *Córpus Português/Janeiro*.
3. Córpus tradução: todo o material traduzido (FSP, OESP e INFO), com divisão cronológica, no formato .txt (texto). Exemplo: INFO.txt, contido na pasta *Córpus Tradução/Maio*.

Três motivos subjazem à adoção da divisão efetivada, quais sejam:

---

<sup>9</sup> Tal exclusão se deu mais por uma necessidade prática do que por uma escolha metodológica. Tais seções poderiam enriquecer ainda mais o córpus, porém, devido à diagramação ou o formato gráfico, elas não podem ser lidas e/ou convertidas para o formato final de leitura do conjunto.

1. o programa que faz a contagem e separação das palavras de acordo com a frequência, o WordSmith Tools, só aceita documentos no padrão .txt para análise;
2. a separação entre documentos originalmente escritos em português e traduções facilitará um futuro etiquetamento desses textos e a aglutinação dessas amostras dentro de um *córpus* geral da língua;
3. já que no formato .txt perde-se toda a formatação, resolvemos salvar os textos integrais com a formatação original; dessa forma, é facilitado o entendimento dos textos e salvaguardado o acesso de algum pesquisador que necessite separá-los pelo título.

Dada a inviabilidade prática da impressão dessas amostras devido ao tamanho, eles foram salvos em CD-ROM, em pastas e sub pastas conforme explicado acima. Esse CD-ROM encontra-se anexo a este trabalho.

### 3.3.4 Extensão/Dimensão

No total, organizamos e analisamos 52 edições dos cadernos de informática de ambos os jornais, além de 12 edições da revista INFO. Como resultado da contagem final das palavras, apuramos os seguintes números:

*Tokens*<sup>10</sup>: 1.392.706

*Types*: 48.482

---

<sup>10</sup> “Na língua inglesa os estatísticos do léxico costumam opor o *token* (ocorrência no texto) ao *type* (lexema referido pela ocorrência formal).” (BIDERMAN, 2001, p.167)

SARDINHA (inédito, 1999), propõe que se classifique os corpus segundo o número de palavras contidas:

<b>Tamanho em Palavras</b>	<b>Classificação</b>
menos de 80 mil	Pequeno
80 a 250 mil	Pequeno-médio
250 mil a 1 milhão	Médio
1 milhão a 10 milhões	Médio Grande
10 milhões ou mais	Grande

Seguindo esse critério, o autor chega à segmentação em cinco níveis de tamanho. Com base nesse critério de medição, pode-se afirmar que o conjunto de material selecionado para esta pesquisa constitui um corpus de tamanho médio-grande. Isso permite dizer que é um corpus representativo no universo das revistas e jornais na área de informática.

## 4. OBRAS LEXICOGRÁFICAS E TERMINOLÓGICAS: DEFINIÇÕES

Todas as obras que fazem parte dos modelos a serem analisados têm em comum o título “Dicionário”, mas a multiplicidade apresentada nas suas estruturas sugere que uma só denominação não abarca toda essa diversidade. Não deveriam essas obras ter títulos condizentes com o material apresentado? Antes de começarmos a trabalhar com os modelos em si e fazermos uma nova proposta, convém primeiro tentar definir o que é um dicionário, o que é um vocabulário e o que é um glossário.

Para tanto, apresentaremos uma proposta de normatização da ISO (1990), um modelo de classificação lingüística proposto BARBOSA (2001, p. 23-45), outro proposto por HAENSCH (1982, pp. 95-103), algumas definições históricas que esse autor nos apresenta acerca da problemática de classificação das obras e, ainda, a proposta adotada pelo CITRAT/USP (ALVES, 2001).

A norma ISO 1087 (ISO, 1990, p. 10) apresenta o dicionário como:

6.2.1 dictionary: Structured collection of lexical units with linguistic information about each item.,

Essa definição distingui-se daquela oferecida para um dicionário terminológico (ou técnico):

6.2.1.1 terminological dictionary (admitted term: technical dictionary): Dictionary (6.2.1) containing terminological data (6.1.5) from one or more specific subject fields (2.2).

Que ainda se distinguiria de um vocabulário:

6.2.1.1.1 vocabulary (admitted term glossary): terminological dictionary (6.2.1.1) containing the terminology (5.1) of a specific field (2.2) or of related subject fields (2.2) and based on terminology work (8.2)

Percebemos que a definição de *dicionário* é clara, mas a distinção entre o que é um dicionário terminológico/técnico e um vocabulário/glossário parece não ser tão clara. Afinal, o que basicamente diferenciaria um dicionário técnico de um vocabulário é que o segundo se basearia em um trabalho terminológico. As perguntas que ficam são as seguintes: um dicionário terminológico não precisaria também de um trabalho terminológico de preparação? Afinal, existe ou não diferença entre glossário e vocabulário (que aqui são considerados sinônimos<sup>11</sup>)?

De acordo com BARBOSA (2001, p.39), devemos classificar os tipos segundo os níveis de atualização da língua. Os dicionários de língua se encaixariam no nível do sistema, trabalhando com todo o léxico disponível e manifestando-se através do lexema. Os vocabulários (fundamentais, técnico-científicos e especializados) estariam no nível da norma e trabalhariam com conjuntos vocabulários (ou terminológicos), manifestando-se através dos vocábulos ou termos. Os glossários se encontrariam no nível da fala e trabalhariam com os conjuntos manifestados em determinado texto, manifestando-se através das palavras.

Podemos esquematizar essas e outras informações apresentadas pela autora da seguinte maneira:

<b>Dicionário</b>	<b>Vocabulário</b>	<b>Glossário</b>
<i>Nível do sistema</i>	<i>Nível da norma</i>	<i>Nível da fala</i>
Trabalha com todo o léxico disponível e o léxico virtual	Trabalha com conjuntos manifestados dentro de uma área de especialidade	Trabalha com conjuntos manifestados em um determinado texto
Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular)	Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência)	Unidade: palavras (significado específico; única aparição)
Apresenta (teoricamente) todas as acepções de um mesmo verbete	Apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade	Apresenta uma única acepção do verbete (dentro de um contexto determinado)
Perspectivas: diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática	Perspectivas: sincrônica e sinfásica	Perspectivas: sincrônica, sintópica, sinstrática e sinfásica

<sup>11</sup> Na norma ISO, a entrada em inglês difere da entrada em francês, uma vez que naquela são considerados termos sinônimos.

HAENSCH (1982, p. 106), assim como as normas ISO, considera a palavra **vocabulário** sinônima de **glossário**. O glossário seria relacionado às palavras de um texto ou de um autor ou ainda um:

Repertorio de palabras, en muchos casos de términos técnicos (monolingüe o plurilingüe), que no se pretende ser exhaustivo, y en que la selección de palabras se ha hecho más o menos al azar; por ejemplo, glosario de términos ecológicos español-inglés..

De um modo geral, o autor trabalha com o conceito de dicionários, deixando os glossários (ou vocabulários) em segundo plano.

Ele propõe várias classificações para as obras lexicográficas, entre as quais podemos citar as seguintes dualidades: semasiológicas x onomasiológicas, normativas x descritivas e monolíngües x plurilíngües (bilíngües).

Entre as obras classificadas como onomasiológicas<sup>12</sup>, teríamos os dicionários pictóricos, ortoépicas, ortográficas, de formação das palavras, de construção e regime (valência), de colocações, de dúvidas e de sinônimos. As obras semasiológicas<sup>13</sup> seriam compostas por dicionários de fraseologia, modismos, refrões, neologismos, históricos e os dicionários de língua em ordem alfabética, os mais comuns.

As obras podem apresentar também um caráter prescritivo (especialmente obras voltadas para estudantes) ou, na grande maioria, descritivo, contentando-se em mostrar o uso dos vocábulos.

Quanto à língua, dividem-se em monolíngües (como um dicionário geral de uma língua determinada) ou plurilíngües (destacando-se aí os dicionários bilíngües para aprendizagem de idiomas e os dicionários multilíngües técnicos).

Um modelo, usado em algumas publicações pelo CITRAT/USP, de acordo com AUBERT (2001, p. 7), adota o termo *glossário* para uma obra terminológica desenvolvida no campo da economia:

---

<sup>12</sup> A composição da macroestrutura seria por agrupamentos de assuntos, matérias ou conceitos. Portanto a microestrutura parte do significado para o significante.

<sup>13</sup> A macroestrutura é apresentada em ordem alfabética. A microestrutura parte do significante para o significado.

..., este Glossário é consistente com a linha de investigação adotada pelo CITRAT, sob inspiração do modelo franco-canadense, que enfatiza, sobretudo, a situação de uso. Oferece, deste modo, uma sistematização daquilo que os usuários da terminologia efetivamente empregam em seu domínio de conhecimento e esfera de atuação (no caso em tela, na interação com o público leitor). Retrata a prática terminológica corrente, sem pretensões normativas, ou seja, sem impor a esses mesmos usuários parâmetros de ‘certo’ e de ‘errado’.

Em vista de todas essas conceituações, normativas ou não, fica patente que a definição quanto ao título das obras nas áreas lexicográfica e terminológica não é unívoca. Tendo em vista as obras de informática analisadas, podemos perceber que o título “dicionário” é mais comum apenas porque valoriza o produto em si, dando-lhe um caráter mais sério, como um dicionário geral de língua.

Para a nossa proposta, adotaremos o modelo de *glossário* do CITRAT/USP, voltado para o usuário final (no caso o tradutor da área de informática) e com uma preocupação apenas descritiva.

#### **4.1 Macroestrutura**

O princípio mais importante na ordenação da macroestrutura, segundo HAENSCH (1982, p. 452), é a ordem alfabética das entradas. Numa obra terminológica, é possível também a ordenação por família de palavras, de modo que a primeira (um lema) é seguida por suas derivações. Essas derivações podem entrar nas macro- ou microestruturas.

Existem várias possibilidades de levantamento da macroestrutura, desde a cópia de outras obras lexicográficas/terminológicas, passando por opiniões de especialistas sobre o que deveria compor essa nomenclatura, até uma obra que apresente todos (ou um número determinado) os verbetes baseados na frequência com que apareçam dentro de um *cópus* (de especialidade ou não).

Muitas obras não atentam para esse detalhe e acabam misturando as acepções, que ora entram na macroestrutura, ora fazem parte da microestrutura. Temos como exemplo a entrada: *navio* (hiperônimo) no Dicionário Aurélio Eletrônico (1999).

Dentro da microestrutura, entram dezoito acepções diferentes (relação de hiponímia com a entrada principal); na macroestrutura, dentro da família *navio*, mais onze entradas (também hipônimos). Percebe-se que o critério para a divisão entre pertencer à microestrutura de *navio* e ser uma nova entrada dentro da família deveu-se ao uso do hífen (nova entrada) ou não (nova acepção). De um modo geral, todas conformam-se em lexias compostas.

Essa mesma entrada, *navio*<sup>14</sup>, no Dicionário Michaelis (1998), possui trinta e duas acepções na microestrutura e oito entradas na macroestrutura, seguindo a mesma divisão do Aurélio entre o uso ou não do hífen. Podemos notar, no entanto, que não há um padrão entre o uso do hífen: enquanto no Aurélio temos a entrada *navio-petroleiro*, no Michaelis temos a acepção *navio petroleiro*. De um modo geral, todos são hipônimos de *navio*, mas ora entram na macroestrutura (hipônimos que nem sempre se referem ao hiperônimo no primeiro sema de definição), ora pertencem à microestrutura (como co-hipônimos, novamente não havendo uma constância quanto ao primeiro sema da definição).

O Dicionário Houaiss (2001), embora siga uma estrutura similar àquela utilizada no Michaelis, afirma que podemos ou não usar o hífen nas lexias compostas. Nele a entrada *navio* é apresentada com quinze acepções e mais dezoito entradas. Fica a dúvida quanto ao critério de seleção: devemos incluir novas acepções dentro da microestrutura de *navio* ou criamos novos verbetes? Por que *navio-escola* é uma entrada e *navio oficina* é uma acepção de *navio*?

Já uma obra terminológica bem estruturada, como a de BERGERON (1995?, pp. 26-27), apresenta uma ordenação constante na montagem da macroestrutura. A entrada *FTP*, por exemplo, apresenta somente a explicação que se trata de uma abreviação. Todas as outras acepções entram como novos verbetes (até mesmo aquela em que o verbete se apresenta como verbo), dentro da mesma família e em seqüência, sempre repetindo o lema. Essa disposição se repete por toda a obra, facilitando a consulta.

---

<sup>14</sup> O termo *navio* foi selecionado como exemplo tendo em vista a inexistência de um termo com estrutura correlata na área de informática, registrada em dicionários gerais de língua.

O mesmo acontece na obra de BOUTIN *et al.* (1985, p. 29), cuja entrada *dictionnaire* é o hiperônimo. Todas as outras acepções entram como novos verbetes (hipônimos): *dictionnaire de langue*, *dictionnaire general*, *trésor*, *dictionnaire spécial*, etc. Dentro desses hipônimos, o primeiro sema da definição sempre remete ao hiperônimo.

## 4.2 Microestrutura

É importante também que, antes de partirmos para uma nova proposta, analisemos a constituição da microestrutura dos verbetes. ANDRADE (2000) define o que seria a microestrutura básica de um verbete: *artigo + enunciado lexicográfico* (EL), que se compõe de três macroparadigmas:

- Paradigma Informacional (PI): constituído de abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, etc. Ainda segundo HAENSCH (1982, pp. 480-501), teríamos aqui também as diferenças ortográficas, cronológicas e geográficas, a etimologia, níveis de estilo e conotações, atribuição a uma matéria ou especialidade, marcas registradas, denominações oficiais;
- Paradigma Definicional (PD): descrevem-se os semas ou unidades de significação;
- Paradigma pragmático (PP): contém informações contextuais como exemplos e abonações. HAENSCH (1982, p. 470) subdivide esse conceito entre parte sintagmática (colocações e fraseologia) e/ou parte paradigmática (sinônimos, antônimos, parônimos e hipônimos).

Existiria ainda um paradigma comum em dicionários bilíngües:

- Paradigma de Formas Equivalentes (PFE): fornece a tradução do verbete.

Com exceção do Paradigma Definicional, essas estruturas do enunciado lexicográfico não são fixas. Assim, a configuração básica de uma microestrutura se apresentaria como:

**Artigo={+ entrada<sup>15</sup> + enunciado lexicográfico (+ definição)}**

Poderíamos, porém, criar um verbete com a seguinte microestrutura:

**Artigo={+ entrada + enunciado lexicográfico (± PI + PD ± PP)}<sup>16</sup>**

A forma como o dicionário/glossário vai ser escrito (construção da macro/microestruturas) depende basicamente do público-alvo ao qual se destina. Essa escolha precisa ser feita com bastante clareza, a fim de evitar problemas futuros de compreensão. CAMPOS (1994, p. 39) afirma que:

...el problema de la claridad de la definición está estrechamente ligado con una cuestión previa: a quién está dirigido el diccionario.

O autor apresenta o caso do dicionário *Cobuild*, em que a microestrutura seria:

**Artigo={+ entrada + enunciado lexicográfico (+ PP [+ entrada] + PD)}**

Como podemos perceber, a entrada é repetida no paradigma pragmático, que vem antes do paradigma definicional, facilitando o entendimento por parte do leitor (tese do autor). Ele ainda destaca o uso, por parte dos lexicógrafos, de um vocabulário básico da língua, o que impediria o problema da circularidade nas definições.

---

<sup>15</sup> O verbete, ou a entrada do dicionário/glossário.

<sup>16</sup> Onde o sinal + representa a obrigatoriedade e o sinal ± a opção.

Na macro/microestrutura, devemos ter clara a necessidade de definir o usuário final da obra. A partir do momento que essa escolha é feita, os modelos das estruturas são definidos e devem ser seguidos à risca para uma maior homogeneidade da obra.

### 4.3 Remissivas

As remissivas são as relações, traçadas dentro da obra lexicográfica/terminológica, entre os termos, mantendo a coerência semântica dessa<sup>17</sup>. CABRÉ (1993, p.314) as classifica em dois tipos: informativas e prescritivas. A seguir, observamos as diferenças indicadas pela autora:

<b>Informativas</b>	<b>Prescritivas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Os termos se relacionam a fim de aumentar suas denominações ou conceituações. Mostram ainda as relações dentro do mesmo campo semântico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Um termo remete a outro para mostrar o uso prioritário ou se deve ser evitado, mostrando ainda alternativas.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ São inseridas dentro de um contexto de equivalência ou contraste semânticos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ São inseridas em virtude de uma política terminológica.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Equivalência (sinonímia): variantes, siglas e respectivas formas completas, formas completas e respectivas abreviações, termo e seu nome científico, termo e o símbolo que o representa.</li> <li>○ Contraste ou inclusão: antônimos, hipônimos, hiperônimos e co-hipônimos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Classificação dos sinônimos entre prioritários ou secundários.</li> </ul>

Segundo BACELLAR (2002, pp. 106-107), as remissivas corrigem o isolamento das mensagens no nível da microestrutura (reconstruindo seu campo

<sup>17</sup> Esse tratamento permite que a obra trabalhe, ainda que parcialmente, no nível onomasiológico.

semântico) e reúnem entradas equivalentes (sinônimos) no nível da macroestrutura. Elas seriam um tipo de “ricochete de informação” (citando FAULSTICH, 1990), formando a rede estrutural junto com as macro/microestruturas.

As remissivas deveriam, ainda, segundo a autora, serem explicitadas por meio de uma marca gráfica, como por exemplo: *V.* = ver.

Como pudemos observar neste capítulo, não há consenso quanto à organização macroestrutural dos dicionários do mesmo modo que esse consenso não se mostra no nível microestrutural dessas mesmas obras. Isso, sem dúvida, dificulta a tarefa do tradutor que tem, antes de iniciar a tradução, a tarefa prioritária e desgastante de analisar várias obras.

## 5. COMPARANDO MODELOS

Neste capítulo apresentaremos verbetes selecionados em cinco obras e compararemos suas propostas, suas macroestruturas (o processo de seleção dos verbetes), suas microestruturas (através de uma análise comparativa entre os verbetes propriamente ditos e uma análise comparativa da estrutura de composição desses verbetes) e seus sistemas de remissivas. Por último, faremos uma análise contrastiva entre essas obras sob a perspectiva do usuário inicial da nossa obra proposta: o tradutor.

### ***5.1 Os dicionários e suas propostas***

Faremos a seguir uma pequena descrição de cada obra, utilizando, para tanto, como critérios observações sobre os autores (se disponíveis) e uma análise sobre suas introduções (novamente, se disponíveis).

#### **DICMaxi - Dicionário Prático de INFORMÁTICA**

Autores: não mencionados.

Dentre as obras pesquisadas, essa é a que apresenta a menor quantidade de informações disponíveis. É um dicionário bilíngüe, que dispõe de quatro mil e setecentos verbetes e é um contraponto para o glossário de informática (que apresenta apenas os verbetes em português e suas formas equivalentes em inglês). Não há referência a um usuário específico para a obra.

Ela faz parte de um programa (em CD ROM) que disponibiliza seis dicionários gerais (nas áreas de língua portuguesa, negócios e informática) e cinco dicionários bilíngües (inglês, espanhol, alemão, francês e italiano). De todos esses, apenas o de português (organizado por Antônio Houaiss) apresenta uma introdução com o objetivo claro da obra. O programa, no geral, é um aglutinado de dicionários, lançados pela

editora Melhoramentos. Tem o mérito de ter sido a primeira obra multilíngüe eletrônica lançada no mercado.

### **Jargão: o dicionário informal dos termos da informática**

Autores: Robin Williams e Steve Cummings.

Na seção *nota da autora* há uma indicação que, basicamente, quem redigiu a obra foi Robin Williams, com uma pequena participação de Steve Cummings. Ambos escreveram vários livros na área.

A autora relata (na mesma seção) que escreveu a obra por não estar satisfeita com nenhum dicionário ou glossário que possuía, todos muito técnicos ou resumidos. Suas definições, portanto, partem do princípio que nada deve ser pressuposto pelo leitor, indicando aí o público alvo: os leigos na área de computação.

A obra, na introdução, apresenta algumas notas (*da autora, técnica, sobre a adaptação*) e uma seção de perguntas e respostas (*you already know...*). Logo em seguida, somos apresentados aos *símbolos e números*, seção que contém os símbolos usados na área de informática e as definições dos vocábulos formados por números. Após as entradas do dicionário, é apresentado um apêndice com treze itens (procurando mostrar como funciona o mundo da informática).

### **Microsoft Press, dicionário de informática**

Autores: não mencionados, apenas os tradutores.

A introdução da obra é bastante detalhada. Fornece primeiro a relação completa das áreas abrangidas, ressaltando que

“...foi criado com a finalidade de se constituir em uma fonte de definições precisa para a terminologia relacionada com o uso de computadores.” (p. VII ).

Fornece em seguida as alterações feitas em relação às duas edições anteriores e mostra como foram organizadas a macroestrutura (*ordem de apresentação*), a microestrutura (*verbetes*) e o sistema de remissivas (também em *verbetes*).

Após a introdução, é apresentado um glossário português/inglês de termos equivalentes, que serve de contraponto ao dicionário em si, inglês/português. Segue-se uma seção de cinco apêndices, todos relacionados com mapas de caracteres.

A contracapa sugere que a obra destina-se a todo tipo de usuário, profissional da área ou não, do nível básico ao avançado.

### **Minidicionário Saraiva de Informática**

Autora: Maria Cristina Gennari.

A autora apresenta-se como Analista de Sistemas, Consultora e Jornalista especializada na área de Informática.

A obra não apresenta uma introdução, formal ou informal, apenas o sumário. Em contrapartida, apresenta cinco seções de anexos (aproximadamente 130 páginas), a saber: Navegar é preciso: Indicação de sites de busca de vários países para orientar a pesquisa na Internet; Mais de 700 sugestões de links interessantes para navegação, classificados por temas; Relação dos cursos da área de Informática; Extensões de arquivos mais usuais e Códigos dos países na Internet.

O dicionário parece ser indicado (já que a proposta não fica clara) para adolescentes e/ou iniciantes na área de informática de um modo geral. Faz-se questão de apresentar na contracapa e na primeira página que o dicionário foi “Selecionado para o programa ‘Leia mais’ da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, em 2001”. O anexo de relação de cursos técnicos e superiores leva à mesma conclusão.

### **Webster’s New World: dicionário de informática**

Autor: Bryan Pfaffenberger.

O autor é apresentado como professor de Redação Técnica e Sociologia da Tecnologia na Universidade de Virgínia.

Há uma introdução, redigida pelo autor, por meio da qual discute a importância de conhecer as palavras mais importantes na área de informática e Internet. Nada, porém, se refere à estruturação do dicionário.

A obra começa com uma seção denominada *referência cruzada*, que nada mais é do que um glossário inglês/português de termos equivalentes. É seguida pela seção *símbolos*, onde se destacam os verbetes constituídos, sobretudo, por números e símbolos. Na seqüência, encontra-se o dicionário em si, em ordem alfabética.

Ao que parece, não é destinado a um usuário em específico para a obra, podendo ser utilizado por profissionais da área, estudantes ou qualquer um que possua um microcomputador.

## **5.2 Análise das macroestruturas**

Como na seção anterior, procederemos a uma análise das obras individualmente, a partir dos mesmos critérios de observação: organização/ordenação de entradas.

### **DICMaxi - Dicionário Prático de Informática**

Não há indicação da origem dos termos, apenas a sua quantidade (já mencionada anteriormente). A direção do dicionário é inglês/português, organizando os verbetes em ordem alfabética. Contém lexias simples, compostas e complexas (ou sintagmas terminológicos<sup>18</sup>), incluindo até nome de fabricantes de software. Quando à esquerda da entrada (palavra família), as lexias compostas e complexas entram na microestrutura como hipônimos; quando à direita, assim como as derivações e outras classes gramaticais, ora as lexias entram como novo verbete, ora como um hipônimo dentro do mesmo.

### **Jargão: o dicionário informal dos termos da informática**

A macroestrutura está organizada em ordem alfabética, com verbetes em inglês ou português. Há uma linha horizontal na qual essa macroestrutura fica contida. Quando o verbete apresenta uma forma equivalente, essa forma entra junto à

---

<sup>18</sup> “Los términos complejos pueden estar formados por una combinación de palabras que sigue una determinada estructura sintáctica. En este caso hallamos estructuras más frecuentes en terminología que en el léxico común, como los sintagmas terminológicos.” (CABRÉ, 1993, p.177)

macroestrutura: o verbete na margem esquerda, a forma equivalente na margem direita. Os verbetes baseados em números estão separados em um capítulo específico. Os hipônimos ora entram na microestrutura, ora na macroestrutura.

Estão inclusos entre os verbetes nomes de empresas e marcas registradas. O critério de seleção obedece à curiosidade/necessidade de entendimento por parte da autora.

Três ícones acompanham vários verbetes durante a obra: um computador com um sorriso (indicando que as informações são específicas para o sistema Macintosh); um computador onde se lê “PC” na tela (para computadores com o padrão IBM) e uma bandeira do Brasil com um sorriso (com informações dirigidas ao público brasileiro, elaboradas pela tradutora). Caso esses ícones não apareçam, significa que o assunto é geral e se aplica a qualquer tipo de hardware/software.

Há, ainda, um grande número de charges, que acrescentam um toque de humor à obra, e muitas figuras (retirados de telas de programas ou não), geralmente exemplificando as explicações apresentadas nas microestruturas.

### **Microsoft Press, dicionário de informática**

Assim como nas demais, a obra apresenta-se organizada em ordem alfabética. E, assim como no dicionário anterior, há um capítulo específico para os verbetes baseados em números. O dicionário, bilíngüe, apresenta somente os verbetes na direção inglês/português. A ordem inversa é apresentada no início da obra como um glossário, em que aparecem o verbete e sua forma equivalente.

São incluídas as lexias simples, compostas ou complexas. Todos os hipônimos e todas as acepções (por exemplo, a diferenciação entre substantivo e verbo) de um termo são apresentados como um novo verbete. Existem várias figuras que exemplificam a microestrutura.

### **Minidicionário Saraiva de Informática**

Não há indicação de fonte ou *córpus* de onde essa nomenclatura foi tirada, nem o porquê de sua organização. Toda a macroestrutura está organizada em ordem alfabética, misturando as entradas em português e inglês. De um modo geral, temos dois tipos de verbetes:

- o o verbete em si (muitas vezes associado com figuras e tabelas inseridas ao longo das páginas para exemplificar, mas não necessariamente relacionado com a definição apresentada na microestrutura). Ele é indicado através de um marcador onde um triângulo voltado para o lado direito está inserido dentro de um círculo (os dois em tons diferentes de cinza). Em alguns casos, o verbete é apresentado junto com seus sinônimos (todos fazendo parte da macroestrutura). As *lexias* podem ser simples, compostas ou complexas. Quando é formado à esquerda da palavra de entrada (*família*), o hipônimo entra na microestrutura; quando à direita, entra ora na macroestrutura, ora na microestrutura.
- o indicação de busca para esse verbete (*remissiva*) e assuntos associados na Internet, indicado através de um marcador no formato do globo terrestre. Às vezes são incluídas algumas figuras.

### **Webster's New World: dicionário de informática**

Ao contrário do dicionário da Microsoft, o Webster apresenta os verbetes na direção português/inglês e um glossário inglês/português (*referência cruzada*) no início da obra. Os verbetes que começam por números estão em um capítulo à parte, também no início; quando apresentam números depois de letras, estão na ordem alfabética normal. Não é apresentada a origem dessa macroestrutura. Não há desenhos, somente tabelas explicativas.

O verbete pode ser uma *lexia* simples, composta ou complexa. Quando há sinônimos, eles podem aparecer na macroestrutura, sempre em português. Ainda no mesmo nível aparecem as formas equivalentes (e também seus sinônimos, quando há). Os hipônimos aparecem como novo verbete, mas apresentam, às vezes, uma curiosidade: aparecem antes do hiperônimo (caso do verbete *chave*).

As diferentes acepções de uma palavra também entram como novos verbetes, desde que a forma equivalente em inglês seja uma palavra diferente. Quando diferentes acepções em português remetem a uma mesma palavra em inglês, são incluídas na microestrutura.

### **5.3 Análise das microestruturas**

Decidimos apresentar os verbetes selecionados na íntegra em todas as obras analisadas. A escolha dos verbetes deveu-se à frequência das classes gramaticais em que eles aparecem na maioria das obras: em primeiro lugar os substantivos (quatro verbetes, incluindo aqui acrônimos<sup>19</sup>/siglas) e depois os verbos (dois verbetes).

Existiria ainda a possibilidade de encaixarmos verbetes de outras classes gramaticais, mas, no universo de pesquisa dos *cópus* (dicionários e material de análise), sua frequência é muito baixa e pouco representativa. Esses verbetes serão: *inquiry* (área de programação), *ADSL* (área de hardware), *troubleshoot* (área geral), *LISP* (área de programação), *download* (área de Internet), *drag-and-drop* (área geral dos aplicativos).

Essa classificação, porém, não indica necessariamente que haverá todos os verbetes selecionados em todas as obras. Caso o verbete não seja encontrado, os espaços para as definições e análises das estruturas ficarão em branco.

#### **5.3.1 Análise comparativa dos verbetes**

Apresentamos a seguir as obras selecionadas e os respectivos verbetes. Utilizamos uma estrutura similar a Vilela (1983, p.26), dispondo os verbetes no topo (na vertical) e colocando o nome das obras e os respectivos enunciados na horizontal. Ao contrário do autor, que procura estudar apenas os Paradigmas Definicionais,

---

<sup>19</sup> [...] redução do sintagma sob forma de sílabas, geralmente as iniciais, pronunciadas como uma palavra autônoma [...] (ALVES, 2001, p.13).

disponibilizamos os artigos na íntegra<sup>20</sup> (suprimimos a entrada, deixando apenas o enunciado lexicográfico), a fim de analisar a construção da microestrutura.

---

<sup>20</sup> Salvo por duas exceções, tendo em vista a questão do espaço, mas que de maneira alguma invalidam a análise.

Obra Verbetes	inquiry	ADSL	troubleshoot	LISP	Download	Drag-and-drop
<i>Dicionário Prático de Informática in DICMaxi, Dicionário Multimídia Michaelis</i>	solicitação, indagação; (i) fazer uma pergunta; (ii) acessar dados mantidos em um sistema de computação; ± inquiry character (ENQ) = caractere de solicitação = código transmitido por um computador para um terminal remoto, solicitando resposta; ± inquiry station = estação de pesquisa = terminal que é usado para acessar e pesquisar arquivos armazenados em um computador remoto; ± inquiry/response = pergunta/resposta = modo de computação interativa, no qual os comandos e solicitações de um usuário são respondidos com muita rapidez.		diagnosticar; (i) depurar software de computador; (ii) localizar e reparar falhas no hardware.	= LIST PROCESSING = PROCESSAMENTO DE LISTA linguagem de alto nível usada principalmente no processamento de listas de instruções ou dados e em trabalhos de inteligência artificial.	carregar; (i) carregar um programa ou uma seção de dados de um computador remoto via uma linha telefônica; (ii) transferir dados de um computador de grande porte para um computador pequeno; (iii) enviar dados-fontes de impressora armazenados em disco para uma impressora (onde vão ser armazenados em memória temporária ou RAM); there is no charge for downloading public domain software from the BBS não há qualquer taxa para carregar software de domínio público da BBS.	
<b>Jargão: o dicionário informal dos termos da informática</b>			<i>Ver diagnóstico.</i> O termo <b>diagnóstico</b> significa tentar identificar e solucionar problemas à medida que eles aparecem. É lógico: quanto mais problemas você enfrenta na vida, mais competente se torna no diagnóstico e solução deles. “A experiência lhe ensina a reconhecer um erro quando você o comete outra vez”.	<b>LISP</b> , acrônimo de <b>list processing</b> , é uma linguagem de programação de alto nível, que se tornou um dos padrões dos aplicativos de <i>inteligência artificial</i> . Veja também <i>linguagem de programação</i> .	<b>Download</b> é o recebimento de informações, em geral um arquivo, de outro computador via <i>modem</i> . Por exemplo, você pode entrar <i>on-line</i> e encontrar um ótimo <i>shareware</i> , como <i>fontes</i> , jogos ou um <i>utilitário</i> realmente útil. Ou, ainda, alguém pode lhe enviar uma longa carta de amor como um arquivo separado. Quando você decidir copiar aquele item,	Veja <i>arrastar e jogar</i> . <b>Arrastar e jogar</b> é uma função presente em <i>interfaces gráficas</i> como o Macintosh e o Windows. Significa que você pode executar tarefas por meio do mouse, para arrastar um ícone (que representa um documento, um aplicativo, uma pasta ou disco etc.) sobre outro ícone. Por exemplo, para remover um documento do seu disco no

					<p>terá de fazer um download dele, do computador do <i>serviço on-line</i> ou <i>BBS</i> para o seu próprio computador. Em muitos casos, basta selecionar o arquivo e clicar no botão chamado Download. O termo oposto é <i>upload</i>, o envio de um arquivo para outro computador. (...) que fazer um download). O <b>download de fontes</b> é outro processo. Para utilizar fontes (...) Veja <i>fonte de disco</i> e <i>fonte</i>.</p>	<p>Mac, você arrasta o ícone do documento para dentro do ícone Trash (lixo). Quando o ícone do lixo ficar em <i>destaque</i> (mudar de cor), solte o botão do mouse e o documento vai para a lata de lixo. No Sistema 7, você pode <i>arrastar</i> o ícone (...) arrastar e jogar. Alguns aplicativos vão além (...) Ótimo, certo? E no Microsoft Word (...) Cut e Paste.</p>
<p><b>Microsoft Press, dicionário de informática</b></p>	<p><i>consulta</i> Solicitação de informações. Ver também query (query, consulta).</p>	<p>Ver assymmetric digital subscriber line.</p> <p><b>asymmetric digital subscriber line</b></p> <p>Tecnologia e equipamentos que permitem comunicação digital em alta velocidade, incluindo sinais de vídeo, através de uma linha telefônica de cobre comum, com pares trançados. Essa linha possibilita velocidades de até nove megabits por segundo (9 Mbps) downstream (em direção ao cliente) e upstream de até 800 kilobits por segundo (800 kbps). Acrônimo: ASDL. Também chamado de assymmetric digital</p>	<p><b><u>diagnóstico e solução de problemas</u></b></p> <p>O processo de determinação das causas de problemas de funcionamento de um programa, sistema de computador ou rede e sua resolução.</p>	<p>Abreviatura de <b>List Processing</b>. Linguagem de programação baseada em listas desenvolvida em 1959-1960 por John McCarthy e usada principalmente para manipular listas de dados. O LISP continua sendo muito usado em pesquisas e nos círculos acadêmicos, e há muito é considerado a linguagem padrão para as pesquisas de inteligência artificial. Ver também artificial intelligence (inteligência artificial). Comparar com Prolog.</p>	<p><b><u>download, fazer download, baixar, transferir</u></b></p> <p>1. Na comunicação, transferir uma cópia de um arquivo de um computador remoto para outro computador através de um modem ou rede. 2. Enviar um bloco de dados, como um arquivo PostScript, para um dispositivo dependente, como uma impressora PostScript. Comparar com upload (fazer upload, carregar, levantar).</p>	<p><b><u>arrastar e soltar</u></b></p> <p>Em uma interface gráfica, executar operações em uma interface arrastando objetos na tela com o mouse. Por exemplo, para eliminar um documento no Mac OS, o usuário pode arrastar o ícone do documento pela tela e soltá-lo no ícone de lata de lixo. Ver também drag (arrastar, mover); graphical user interface (interface gráfica).</p>

		subscriber loop. Comparar com: symmetric digital subscriber line.				
<b>Minidicionário Saraiva de Informática</b>	Pronuncia-se: Inquáiri. Tradução: consulta, averigação, pesquisa. Ver: pesquisa.	Sigla de: Asymmetric Digital Subscriber Line. Tradução: Linha digital Assimétrica de Assinantes. Tecnologia que permite que um maior número de dados seja enviado pela linha telefônica. A ADSL suporta uma transmissão de taxas de 1,5 a 9 Mbps quando recebe informações e de 16 a 640 kbps quando as envia. É necessário um tipo especial de modem para que possa ser utilizada. Ainda não é acessível ao público em geral, mas acredita-se que em poucos anos será uma das melhores opções para acessar a Internet.	Pronuncia-se: Trâbolchut. Tradução: diagnóstico e solução de problemas. Ainda que a expressão possa ser aplicada a qualquer tipo de diagnóstico, no Brasil ela é utilizada para o diagnóstico dos problemas nos computadores, programas e sistemas.	Acrônimo de: LISt Processing. Tradução: processamento em listas. Linguagem de programação de alto nível utilizada frequentemente em pesquisas de Inteligência Artificial, cujo objetivo é manipular listas de dados.	Tradução: Baixar, Transferir. Internet: Copiar o conteúdo de um arquivo residente num computador para outro computador, independentemente da distância.	Tradução: Arrastar e soltar.
<b>Webster's New World: dicionário de informática</b>		Ver Asymmetric Digital Subscriber Line Asymmetric Digital Subscriber Line (ADSL) Padrão de telefonia digital, disponível apenas em alguns mercados, que possibilita velocidades de download de até 6 Mbps. O padrão é assimétrico porque as velocidades de upload são mais lentas, refletindo a noção –	<b>diagnóstico</b> troubleshooting Processo que consiste em determinar as causas de problemas de funcionamento de um sistema de computador ou dispositivo de hardware específico. Quando um computador apresenta problemas, a maioria das pessoas entra em pânico e imagina que terá uma enorme despesa pela frente. No entanto, nem sempre o	<b>LISP</b> LISP Linguagem de programação de alto nível, geralmente usada em pesquisas de inteligência artificial, que não faz qualquer distinção entre o programa e os dados. O LISP é considerado ideal para a manipulação de textos. Uma das mais antigas linguagens de programação ainda em uso, o LISP é uma linguagem declarativa – o	<b>download; transferência por download; baixa</b> downloading Ato de transferir para o seu computador um arquivo contido em outro computador através de um modem e uma linha telefônica. Ver carregar.	<b>arrastar e soltar</b> drag-and-drop No Microsoft Windows 95 e em programas do Macintosh baseados no System 7.5, uma técnica que permite executar operações com objetos arrastando-os com o mouse. Você pode abrir um documento arrastando seu ícone até o ícone de uma aplicação, ou pode instalar ícones em pastas arrastando-os até elas.

		<p>comum entre os provedores comerciais de conteúdo – de que a maioria dos usuários residenciais da Internet prefere acessar a gerar conteúdo.</p>	<p>problema é tão sério, como é o caso de fios mal conectados. Desligue o computador e verifique cuidadosamente todos os cabos e conexões. Retire a tampa do gabinete do computador e pressione as placas para se certificar de que estão bem assentadas nos slots de expansão. Verifique também as conexões dos periféricos.</p>	<p>programador cria listas que declaram as relações existentes entre valores simbólicos. As listas são as estruturas de dados fundamentais do LISP. O programa efetua cálculos com os valores simbólicos expressos nessas listas. A exemplo do que ocorre com outras linguagens de programação de domínio público, entretanto, existem várias versões do LISP, incompatíveis entre si. Uma versão do LISP padronizada, totalmente configurada e amplamente aceita é o Common LISP. <i>Ver</i> interpretador.</p>		<p>Vários processadores de texto utilizam a edição com recurso de arrastar e soltar, que agiliza a reorganização do texto.</p>
--	--	--	---	--	--	--

### 5.3.2 Análise comparativa da microestrutura dos verbetes

Apresentamos, abaixo, um quadro que sistematiza a microestrutura dos verbetes selecionados<sup>21</sup> para análise nos dicionários.

<b>Obra Verbetes</b>	<b>inquiry</b>	<b>ADSL</b>	<b>troubleshoot</b>	<b>LISP</b>	<b>download</b>	<b>drag-and-drop</b>
<i>Dicionário Prático de Informática in DICMaxi, Dicionário Multimídia Michaelis</i>	[PFE + PD <sub>1</sub> + PD <sub>2</sub> ] <sub>1</sub> + [PFE + PD] <sub>2</sub> + [PFE + PD] <sub>3</sub> + [PFE + PD] <sub>4</sub>		PFE + PD <sub>1</sub> + PD <sub>2</sub>	PI (descrição do acrônimo) + PFE + PD	PFE + PD <sub>1</sub> + PD <sub>2</sub> + PD <sub>3</sub> + PP	
<b>Jargão: o dicionário informal dos termos da informática</b>			<i>Remissiva</i> PD + PP (abonação)	PI (descrição do acrônimo) + PD + Remissiva	PD + PP(exemplo)	<i>Remissiva</i> PD + PP <sub>1</sub> (exemplo) + PP <sub>2</sub> (exemplo) + PP <sub>3</sub> (exemplo)
<b>Microsoft Press, dicionário de informática</b>	PFE + PD + [Remissiva + PFE]	Remissiva PD + PI (descrição do acrônimo) + PP (sinônimo) + Remissiva	PFE + PD	PI (descrição do acrônimo) + PD + [Remissiva + PFE ] <sub>1</sub> + [Remissiva + PFE] <sub>2</sub>	PFE + PD <sub>1</sub> + PD <sub>2</sub> + [Remissiva + PFE]	PFE + PD + PP (exemplo) + [Remissiva + PFE] <sub>1</sub> + [Remissiva + PFE] <sub>2</sub>
<b>Minidicionário Saraiva de Informática</b>	PI (pronúncia) + PFE + Remissiva	PI (descrição da sigla) + PFE + PD	PI (pronúncia) + PFE + PD	PI (descrição do acrônimo) + PFE + PD	PFE + PI (área) + PD	PFE
<b>Webster's New World: dicionário de informática</b>		<i>Remissiva</i> PI (sigla) + [PFE + PI (sigla)] +PD	PFE + PD + PP (exemplo)	PFE + PD + PP (exemplo) + Remissiva	PP (sinônimos) + PFE + PD + Remissiva	<i>Remissiva</i> PFE + PD

<sup>21</sup> Caso o verbo remeta para uma remissiva, colocaremos essa também (no início, em itálico).

## 5.4 Sistema de Remissivas

Apresentaremos, dentro de cada obra, o funcionamento do sistema de remissivas tendo em vista o modelo proposto por CABRÉ (1993).

### DICMaxi - Dicionário Prático de INFORMÁTICA

Como podemos ver na tabela anterior, dentre todos os dicionários analisados, é o único, que não apresenta remissivas nos itens selecionados. O dicionário, porém, apresenta palavras (embora poucas) que funcionam como remissivas dentro das microestruturas. Essas geralmente aparecem acompanhadas pelos símbolos >>, contudo, ao contrário do que se poderia esperar de um dicionário eletrônico, não funcionam como hipertexto para a entrada a que remetem.

Também encontramos a remissiva *Ver* empregada para indicar lexias complexas que remetam a siglas/acrônimos e entradas que os autores consideram como expressões sinônimas (por exemplo: *laptop computer* remete diretamente à *lapheld computer*).

Todo o sistema de remissivas é, nesse caso, um sistema informativo por equivalência, uma vez que configura um quadro de extensão semântica.

### Jargão: o dicionário informal dos termos da informática

O tipo mais comum de remissiva nessa obra é a relação entre os paradigmas de formas equivalentes. Quando não apresenta microestrutura, o verbete também indica a busca de informação através de uma remissiva *Veja*. Lá o leitor vai encontrar o verbete com a macroestrutura, contendo os dois elementos (conforme citado) e a respectiva microestrutura. A palavra *Veja* também é usada como remissiva informativa no meio e no fim das microestruturas, remetendo às novas entradas que sejam sinônimos e/ou complementem o campo semântico dessa entrada.

Existem também remissivas marcadas em itálico dentro da microestrutura. Essas, porém, se confundem com outras palavras às quais os autores desejam dar importância. Algumas vezes, essas palavras em itálico remetem à explicações dentro

do mesmo artigo. Não há, portanto, critério por parte dos autores quanto à remissiva que não seja iniciada por *Veja*.

### **Microsoft Press, dicionário de informática**

O dicionário, já na introdução, apresenta as remissivas como:

(...) referências cruzadas sinônimas, que contêm referências (*Ver*) aos verbetes principais. Em geral, as referências cruzadas são formas menos comuns de fazer referência a uma entrada. A definição de um verbete principal pode ser substituída como uma definição da referência cruzada sinônima. (p.VIII)

Ainda na introdução, o dicionário apresenta os três tipos de remissivas que serão adotadas na obra: *Ver*, *Ver também* e *Comparar com*:

Uma referência do tipo *Ver* é utilizada em um verbete que é uma referência cruzada sinônima e simplesmente aponta para outro verbete que contém as informações desejadas. Uma referência *Ver também* aponta para um ou mais verbetes que contêm informações adicionais ou complementares sobre um assunto e vem logo após quaisquer acrônimos ou nomes alternativos existentes após a definição. Uma referência *Comparar com* aponta para outro(s) verbete(s) que apresente(m) algum tipo de contraste e vem logo após quaisquer referências *Ver também*; caso contrário, essa referência seguirá quaisquer acrônimos ou nomes alternativos que venham após a definição. (p. IX)

De acordo com os critérios de CABRÉ, esse dicionário apresenta remissivas informativas de equivalência (*Ver*) e de contraste (*Ver também* e *Comparar com*). A remissiva apresenta o verbete a ser consultado e seu respectivo paradigma de forma equivalente entre parênteses (em português).

Há ainda uma remissiva não descrita na introdução: *Também chamada de*. Ela não remete a outra entrada, apenas apresenta o sinônimo em inglês e seu paradigma de forma equivalente em português.

A remissiva *Ver* indica também, no caso de acrônimos e siglas que estão por extenso, o local onde a pessoa deve consultar (levando direto para a sigla ou o acrônimo em si). Nesse caso, o artigo é composto apenas pela entrada e pela remissiva, sem paradigma de forma equivalente.

### **Minidicionário Saraiva de Informática**

As remissivas se resumem a duas: *Ver* (que apresenta o paradigma de forma equivalente, sigla/acrônimo, possibilitando a consulta dentro da obra), informativa equivalente e *Ver também*, informativa inclusiva/contrastante.

### **Webster's New World: dicionário de informática**

O dicionário apresenta a idéia de *referência cruzada* como duas opções distintas: um glossário inglês/português no início da obra (conforme comentado) e o sistema de remissivas em si. A introdução faz comentários quanto às remissivas, mas apenas mostrando a vantagem de consultá-las.

O sistema de remissivas é montado através da palavra *Ver*, sempre no final de uma acepção ou no final do artigo. As remissivas são informativas por equivalência (sinônimos; siglas/acrônimos) ou por contraste/inclusão. Sinônimos podem ser precedidos por “sinônimo de”, porém não em itálico e dentro da mesma microestrutura, por vezes substituindo o paradigma definicional.

## **5.5 Análise contrastiva**

Como já foi citada anteriormente, a escolha das obras apresentadas não foi mera coincidência. Podemos perceber inúmeras diferenças quanto ao tratamento dispensado às propostas, macro/microestruturas e ao sistema de remissivas de cada dicionário.

No que tange às propostas, algumas não apresentam nenhuma preocupação em explicar ao consultante a estrutura da obra (DICMaxi e Saraiva), não havendo nem informação sobre sua apresentação informal (Jargão e Webster) nem sobre o cuidado e atenção quanto à sua estrutura interna (Microsoft). Nesse sentido, nenhuma das obras apresenta, na introdução, informações pormenorizadas encontradas em obras lexicográficas gerais da língua portuguesa, como os dicionários Aurélio e Houaiss.

A origem dos verbetes que compõem a macroestrutura, de um modo geral, não é explicitada. A quantidade de verbetes só é mencionada em DICMaxi, o que denota a irrelevância da informação para os autores. Todos os dicionários são semasiológicos e

apresentam-se organizados em ordem alfabética. Alguns partem da ordem inglês/português (DICMaxi, Microsoft), mas o inverso, português/inglês, também ocorre (Webster, com um glossário na ordem inversa no início da obra) assim como a forma mista (Jargão, Saraiva). Todos contêm lexias simples, compostas e complexas, ainda que três deles (DICMaxi, Jargão e Webster) não apresentaram soluções para todos os verbetes anteriormente propostos (vide 5.3.1).

O processo de classificação dos verbetes em uma relação de hiperonímia/hiponímia pode obedecer a dois critérios: nova aceção na microestrutura ou novo verbete. Alguns dicionários misturam essas possibilidades (DICMaxi, Jargão, Saraiva), outro apresenta sempre um novo verbete (Microsoft) e ainda um outro faz uma verdadeira “ginástica” no momento da classificação (Webster). Alguns apresentam uma separação entre os verbetes baseados no número em relação aos verbetes classificados na ordem alfabética (Webster, Microsoft, Jargão).

O leiaute das macroestruturas é bastante diversificado. Enquanto os dicionários da Microsoft e Webster seguem um padrão mais tradicional de uma obra lexicográfica geral, o dicionário Jargão apresenta uma ordem inovadora com a inclusão de barras horizontais. O dicionário Saraiva, por sua vez, parece “jogar” os verbetes no papel entre várias figuras e tabelas sem preocupação formal. O DICMaxi, por não ser impresso, apresenta uma estrutura baseada em janelas (duas, na vertical), característica típica de um programa que funciona no ambiente Windows.

Fica claro após a análise das microestruturas que as obras não seguem o mesmo padrão. Se analisarmos o quadro comparativo, perceberemos que, cada verbete dentro de um mesmo dicionário não apresenta a mesma microestrutura dos que estão ao lado. Sabemos que verbetes diferentes pedem soluções diferentes, mas fica evidente que em nenhuma obra houve a preocupação de estabelecer um padrão antes de começar a montar as estruturas.

O sistema de remissivas também varia bastante de obra para obra. A despeito de ser dividido em dois tipos — uma remissiva inicial, que remeteria ao termo completo (no caso de siglas e acrônimos) ou ao termo equivalente e a remissiva propriamente dita — de um modo geral, a opção é feita pelo sistema de remissivas informativas de

equivalência (todos os dicionários) e/ou contraste/inclusão (com exceção de DICMaxi) propostos por CABRÉ. Não há, dessa maneira, a inclusão de remissivas prescritivas em nenhuma das obras analisadas.

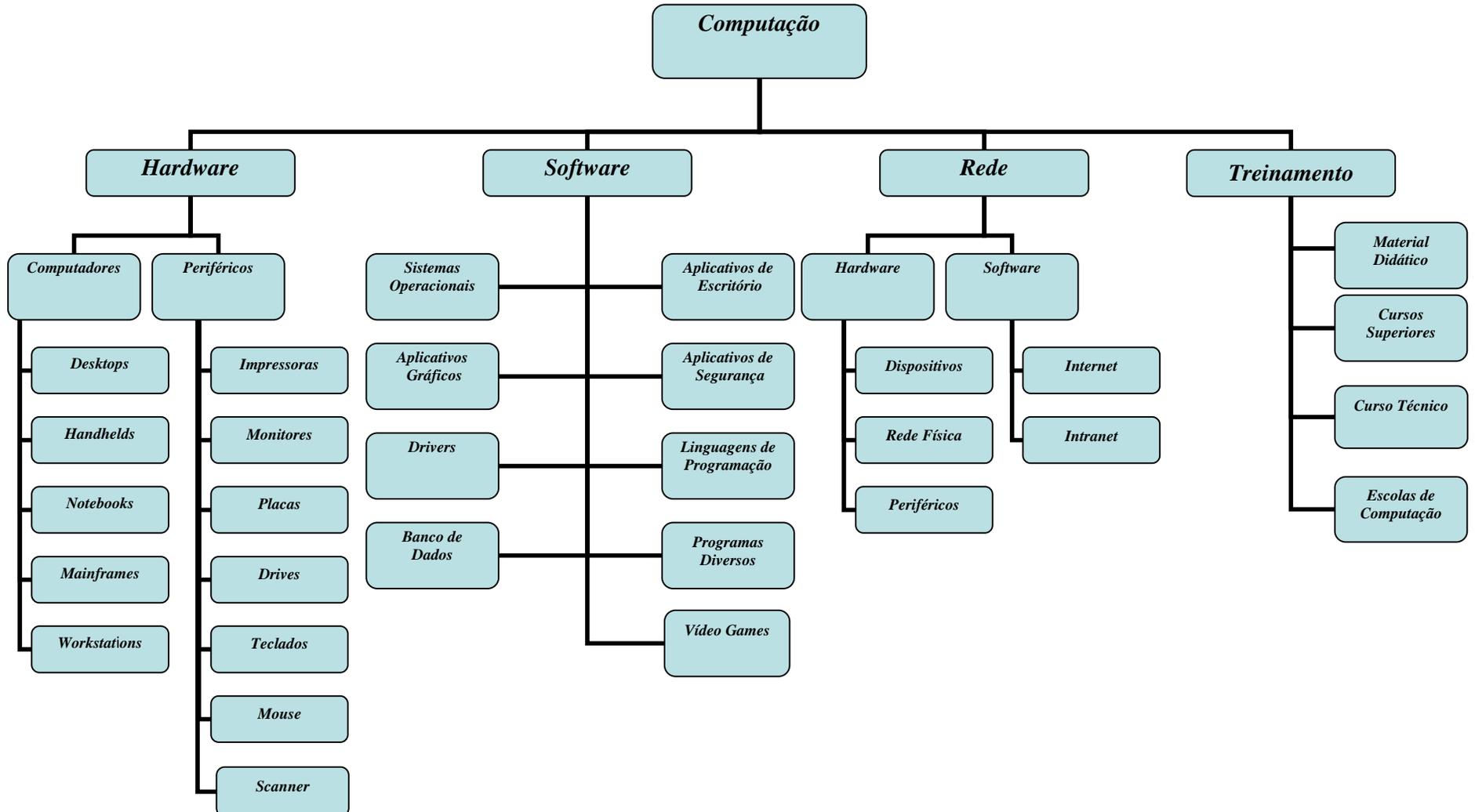
## 6. PROPOSTA DE UM NOVO MODELO

Após a análise dos dicionários selecionados, é nosso objetivo lançar os fundamentos daquilo que seria, ao nosso ver, um glossário destinado exclusivamente aos tradutores.

Começamos com a árvore de domínio dos campos da área de informática e elaboramos, na seqüência, um perfil da mesma. Propomos nossos modelos de macro/microestruturas, bem como o sistema de remissivas com a respectiva ficha terminológica (na estrutura e comentada), que abarque a metodologia a ser aplicada na busca de informações no córpus.

Para comprovar a eficácia do modelo, fazemos a seleção de alguns termos retirados do córpus e neles aplicamos a ficha terminológica e a conseqüente composição das estruturas. Colocamos o resultado no formato de um dicionário (em dois dos formatos de saída que discutimos) para que a proposta se assemelhe, o máximo possível, a uma obra real.

## 6.1 Árvore de domínio da informática



## 6.2 Perfil da Área

Como já citamos anteriormente, a área de informática (ou computação, os termos normalmente aparecem como sinônimos) é uma das mais dinâmicas dentre as áreas tecnológicas quanto à produção de novos termos. Como em outras áreas, esses costumam ser criados cada vez que uma nova tecnologia, um novo aparelho ou uma nova técnica fabril são desenvolvidos. Entre as características terminológicas da área, podemos citar:

- Assim como em outras áreas do conhecimento, os neologismos são bastante comuns<sup>22</sup>. Em sua maioria, são empréstimos do inglês.
- Os termos criados aqui tendem a usar radicais gregos e latinos, especialmente quando se referem a quantidades.
- Os técnicos, jornalistas e as empresas usam o processo de composição para agrupar em um termo diferentes áreas, ou seja, pode-se juntar um termo de uma área com o termo de outra (dentro de uma lexia composta ou complexa) para denotar que há um novo produto, híbrido dessas áreas distintas.
- Siglas e acrônimos são constantes e também usados na criação de novos termos derivados. A alta frequência desses termos pode ser demonstrada com a sigla WWW, termo mais comum da área.
- Alguns neologismos não chegam a ser dicionarizados, especialmente quando a tecnologia, o aparelho ou a técnica às quais pertenciam têm vida útil bastante curta.
- As lexias costumam aparecer em toda sua variedade estrutural: simples, compostas, complexas.
- Citações a nomes de fabricantes e produtos são comuns, já que os órgãos de imprensa os divulgam através de análises dos mesmos (especialmente em testes comparativos de desempenho e na relação custo/benefício).

---

<sup>22</sup> Verificamos ainda processos raros no sistema da língua portuguesa, como aquele que ALVES (1990, p. 48) chama de convergência entre derivação e composição: *telePCpatia* (OESP, 30.07.2001). Nesse caso, em específico, ele representaria um tipo de composição + infixação.

- Os anúncios da área são bastante explicativos, raramente se apóiam na emoção e não usam frases elaboradas como os de outras áreas. Procuram, através de longos textos, demonstrar a seriedade e a confiança que o leitor pode depositar no produto.

### **6.3 Elaboração da Macroestrutura**

Nesta proposta, para a elaboração da macroestrutura, deve-se primeiramente levar em consideração o público-alvo: o tradutor, que sempre tem urgência, característica da profissão, no processo de consulta aos verbetes. Para a confecção da macroestrutura, há que se levar em consideração dois pontos: como deve ser organizada em relação à nomenclatura e como classificar os verbetes.

Quanto à nomenclatura, adota-se uma classificação semasiológica tradicional, em ordem alfabética (inclusive para os termos que já são usados na língua portuguesa, ou seja, não se fará distinção entre língua inglesa e língua portuguesa, as quais se mesclarão na macroestrutura). Qualquer outro tipo de classificação dificultaria a busca por quem já está acostumado com os grandes dicionários da língua portuguesa. A quantidade de verbetes a serem incluídos na obra depende do tipo de mídia a que ela se destina (veja item 6.7). Tal classificação obedecerá ao critério da frequência das palavras no *cópus* de análise.

Com relação à construção dos paradigmas na microestrutura, os verbetes geralmente contêm uma ou mais definições (com todas as variantes de montagem da microestrutura anteriormente apresentadas), que podem ser colocadas em ordem numérica e, ainda, podem contar com os respectivos hipônimos, em ordem alfabética. Tentar encontrar diferentes sentidos em diferentes acepções e ainda hipônimos dentro de um mesmo verboete dificulta a já mencionada necessidade de alta velocidade na consulta por parte do tradutor.

Alguns dicionários apresentam a relação entre hiperônimo/hipônimos dentro do mesmo verboete, outros fora desse. Seguindo essa última tendência, propõe-se a separação entre o hiperônimo e seus respectivos hipônimos, deixando no interior da

microestrutura somente as diferentes acepções (como, por exemplo, uma palavra que seja substantivo e verbo, dependendo do contexto) e seus respectivos paradigmas.

Esses verbetes co-hipônimos devem entrar logo após o hiperônimo, em ordem alfabética. Enquanto o hiperônimo apresenta um destaque (como o negrito) para indicá-lo como o verbete principal, os hipônimos devem destacar-se apenas através da formatação (em bloco, sendo que a fonte da entrada é maior que a fonte do enunciado lexicográfico), já que um novo hiperônimo fará uma distinção entre essa relação de co-hipônimos que pertencem a um hiperônimo e o próximo conjunto. O paradigma definicional dos hipônimos deve sempre ser iniciado pelo sema que remeta ao hiperônimo (desde que esse esteja em português).

Quando os acrônimos e as siglas forem considerados de uso quando mais comum que a correspondente forma extensa do verbete (essa relação pode ser decidida em virtude da frequência dentro do *cópus*), então substituirão esta última. A forma extensa passaria, então, a fazer parte da microestrutura.

Um exemplo, dessa proposta (e ainda sem nos preocuparmos com a construção da microestrutura), pode ser mostrado a partir do verbete já apresentado anteriormente na tabela comparativa, *inquiry*, e também o verbete *jumper*.<sup>23</sup>

**Inquiry:**

1. solicitação, indagação; 2. fazer uma pergunta; 3. acessar dados mantidos em um sistema de computação.

**Inquiry Character:**

(ENQ) = caractere de solicitação = código transmitido por um computador para um terminal remoto, solicitando resposta.

**Inquiry/Response:**

pergunta/resposta = modo de computação interativa, no qual os comandos e solicitações de um usuário são respondidos com muita rapidez.

**Inquiry Station:**

estação de pesquisa = terminal que é usado para acessar e pesquisar arquivos armazenados em um computador remoto.

**Jumper:**

ponte, fio, conector; conexão temporária de fio em uma placa de circuito.

**Jumper-selectable**

= ponte selecionável = circuito ou dispositivo cujas opções podem ser selecionadas através de conexões de fios; the printer's typeface was jumper-selectable o tipo (face) da impressora foi selecionado através de um jumper.

## **6.4 Elaboração da microestrutura**

Antes de se iniciar a montagem de uma microestrutura, deve-se levar em conta todas as possibilidades de composição dos paradigmas que nela aparecem e a necessidade desses paradigmas frente a uma obra voltada para um público específico. Assim, torna-se imprescindível conhecer os paradigmas definicional, informacional, pragmático e de forma equivalente, os quais discutiremos a seguir.

### **6.4.1 Paradigma Definicional**

Na computação, é muito comum encontrarmos aquilo que AUBERT (1996, p. 66) classifica como *contextos definitórios*, ou seja:

... proporcionam um conjunto completo dos traços conceptuais distintivos do termo.<sup>24</sup>

Essa área, por apresentar uma grande diversidade de temas (conforme visto na árvore de domínio) e por estar em constante evolução, apresenta-se ao tradutor como campo de consideráveis dificuldades quanto à compreensão de novos termos e de termos muito específicos dessas, mesmo para os especialistas. Isso faz com que os meios jornalísticos forneçam, dentro daquele contexto específico, uma pequena definição para um termo considerado difícil pelo autor.

---

<sup>23</sup> Ambos retirados do DICMaxi.

<sup>24</sup> Existiriam ainda os *contextos associativos* e *explicativos*: “O *contexto associativo* apresenta o termo como pertinente ao tema objeto da pesquisa, mas não indica os traços conceptuais específicos destes termos, ...” (...) “Já os *contextos explicativos* apresentam alguns traços conceptuais pertinentes específicos do termo sob observação, freqüentemente relativos à materialidade, finalidade, funcionamento e similares.” (AUBERT, 1996, p. 66).

Essas definições aparecem em diversos formatos. No texto corrido: entre vírgulas (como aposto) e através de formatação especial (por exemplo, cor azul, para indicar que aquela palavra funcionaria como um hipertexto), cuja definição pode aparecer no final do artigo. Uma outra possibilidade, mais recente, é traçar sinais gráficos que também representam a idéia de hipertexto e colocar a definição fora das margens do texto (funcionando como um balão das histórias em quadrinhos ou um fluxograma, bastante comum para os profissionais da área). Por fim, muitas publicações resolveram incluir uma seção fixa de terminologia em suas páginas (como é o caso da revista Exame), na qual são discutidos termos específicos de uma subárea que esteja em evidência no momento ou naquela edição (vide CD-ROM anexo).

O Paradigma Definicional, como campo obrigatório na microestrutura (idéia defendida por vários autores, conforme visto anteriormente, e com a qual concordamos), é formado por uma composição entre os contextos definitórios (desde que pertencentes à mesma subárea) encontrados para cada termo entre as diferentes publicações. Caso não existam contextos definitórios, usamos os traços conceptuais dos contextos explicativos para a montagem do paradigma.

Não são incluídos termos que só ocorram em um contexto associativo, por não fornecerem, dentro de um córpus relativamente grande, um conceito claro daquilo que tratam (dentre as várias razões para esse tipo de fenômeno, podemos citar a banalização de vários termos da área ou, no extremo oposto, a presença de neologismos ainda não consagrados e que, portanto, fogem da nossa proposta de frequência). Para um melhor entendimento, é interessante observar os exemplos e fichas terminológicas apresentadas a seguir.

Caso existam verbetes polissêmicos<sup>25</sup> ou homônimos<sup>26</sup>, esses são agrupados dentro do mesmo verbete como diferentes acepções (enunciados lexicográficos),

---

<sup>25</sup> Teoricamente, uma obra terminológica deveria apresentar definições monossêmicas para cada termo. A realidade, porém, demonstra que isso nem sempre acontece.

<sup>26</sup> “La terminología concibe el sistema lingüístico global (lengua histórica) como la suma de todos sus subsistemas parciales, entre los que figuran los temáticos; de este modo, un término de un campo de especialidad, extraído de otro campo, es considerado homónimo del primero”. En esta obra partimos de la base de que un término solo pertenece a un campo de especialidad, pero puede

numeradas em ordem de frequência, tendo como base o *cópus* consultado. E, conforme citado anteriormente, os hipônimos entram como novos verbetes na macroestrutura, logo após o verbebo hiperônimo.

#### 6.4.2 Paradigma Informacional

O paradigma informacional pode conter vários elementos em sua composição, os quais, a seguir são descritos. Concomitantemente, apresentamos justificativas para seu uso em nossa proposta<sup>27</sup>.

*Itens a serem adotados:*

- **Siglas:** existe um grande número de siglas derivadas de *lexias* complexas na área de computação. Muitas vezes, as siglas são mais frequentes que as *lexias* complexas e passam a fazer parte do cotidiano dos tradutores (transformando-se em *acrônimos*) e esses não mais procuram seu significado, somente as transcrevem. Caso ainda não sejam tão populares quanto as *lexias*, é importante que sejam apresentadas várias possibilidades para o tradutor, inclusive o uso das siglas.
- **Acrônimos:** seguindo a tendência das siglas, muitas *lexias* perderam a extensão original e se transformaram em *acrônimos* (como o caso do termo *modem*). O que dificulta, em certos casos, é o custo em recuperar a *lexia* complexa original. Muitas vezes, acontecerá o processo inverso, em que o *acrônimo* vira a entrada do termo e a *lexia* complexa por extenso é inserida no paradigma informacional. Dependendo do público-alvo, o tradutor precisa recuperar essas *lexias* com o intuito de facilitar o entendimento.
- **Categoria gramatical:** a maioria das palavras na área começam seu percurso neológico como substantivos e depois podem sofrer uma mudança para outras

---

pertenecer a más de un subcampo del mismo, y puede además ser utilizado en diversos ámbitos temáticos.” (CABRÉ, 1993, p. 218).

<sup>27</sup> Não faremos aqui uma análise de todos os itens que compõem o paradigma, somente daqueles mais comuns em obras lexicográficas.

categorias gramaticais. Nem sempre, porém, o tradutor percebe com facilidade em qual categoria o termo se encaixa, especialmente se não houver diferenciação morfológica de uma para outra.

- Gênero: essencial para o tradutor, já que emprestamos ou decalcamos muitas palavras do inglês, língua que só distingue gênero para seres vivos do sexo masculino ou feminino. Somos obrigados, em português, a escolher um gênero nas relações que o termo sofre no eixo sintagmático.
- Número: muitas palavras, na língua inglesa, não possuem a forma do plural. Já quando decalcadas para o português, seguindo o nosso sistema, passam a apresentar essa marca. O exemplo da palavra *software* é emblemático. Em inglês temos apenas *software*, mas em português temos *software* no singular e *softwares* no plural. É importante que essa diferenciação fique clara para o profissional da tradução. O campo deve contar não somente com a indicação do número (singular ou plural), mas ainda com a forma plural adotada no português do Brasil em relação às palavras de língua inglesa.
- Variantes morfossintáticas: muitas palavras são aportuguesadas (como no processo de decalque, cujo efeito é a adequação aos padrões morfológicos, no caso das lexias simples, e aos padrões sintáticos, no caso das lexias compostas e complexas), outras apresentam sufixos diferentes, etc. Devemos colocar sempre a variante mais freqüente como entrada do verbete, mas é interessante para o tradutor, mesmo sob uma perspectiva estilística, ter um maior leque de opções para a sua tradução.
- Área de Especialidade: as diferentes acepções de um termo podem remeter às diferentes áreas em que ele é usado. É importante para o tradutor verificar qual acepção se adequa à área que está traduzindo.

#### *Itens excluídos*

- Pronúncia: o tradutor não necessita saber como a palavra soa para traduzi-la.
- Divisão silábica: a partir do momento em que as traduções passaram a serem feitas em computador, a divisão silábica caiu em desuso. A formatação automática dos

programas de escrita pode produzir uma margem direita perfeitamente alinhada. Além disso, muitas palavras, como já citado anteriormente, são formadas por composições, derivações, etc., o que facilita suas divisões para o tradutor<sup>28</sup>.

- **Conjugação:** pelo fato de o córpus apresentar poucos exemplos de verbos, não há a necessidade de conjugá-los. Os verbos criados para a área são derivados de substantivos e normalmente entram no paradigma da primeira conjugação, não oferecendo nenhuma complicação para quem traduz.
- **Etimologia:** poucas palavras na área dispõem de etimologia, já que a maioria é composta por neologismos ou foram recentemente lexicalizadas. Normalmente podemos detectar o processo de criação neológica (como composição, empréstimo e derivação) no próprio termo. Dificilmente uma tradução na área de computação exigiria um conhecimento etimológico por parte do tradutor.
- **Grau:** o uso de aumentativos e diminutivos para substantivos e comparativos de superioridade, inferioridade e superlativos para adjetivos não apresenta nenhum problema para os termos da área, já que seguem os padrões mais comuns na língua (como o sufixo *-ão* para aumentativo e o sufixo *-inho* para o diminutivo).

### 6.4.3 Paradigma Pragmático

O paradigma pragmático é composto, sobretudo, de um exemplo que abona a definição proposta pelo paradigma definicional. Para o modelo proposto, incluímos um exemplo para cada nova acepção criada, todos extraídos do córpus. O exemplo será introduzido por *Ex.:*. Na construção da microestrutura, o sistema de remissivas é incorporado ao paradigma pragmático.

---

<sup>28</sup> Isso sem contar com as lexias compostas e complexas, facilmente identificáveis em uma divisão silábica.

#### **6.4.4 Paradigma de Forma Equivalente**

Consideramos essencial a presença desse paradigma para nossa proposta. Voltando à questão da necessidade, por parte do tradutor, de alta velocidade no processo tradutório, provavelmente a primeira coisa que o profissional procurará em uma obra terminográfica será a forma equivalente no português de determinado termo em inglês.

Propomos ir além desse conceito língua de partida/língua de chegada: nosso paradigma de forma equivalente deve apresentar, em forma decrescente de uso (dada a frequência no *cópus*), todas as formas equivalentes, sejam elas em inglês ou em português. Mesmo que a entrada esteja em português, no enunciado lexicográfico deverá constar, sempre que existente, em português ou em inglês, as formas equivalentes de uso. Esse paradigma deverá ser o primeiro a constar na composição do enunciado lexicográfico.

#### **6.5 *Elaboração do sistema de remissivas***

O sistema de remissivas adotará os conceitos de remissivas informativas por equivalência (sinônimos) ou por contraste/inclusão (antônimos). A relação de hiperonímia/hiponímia pode ser adotada de duas maneiras distintas: na obra impressa, ela será deslocada, conforme já explicado, para a macroestrutura, não havendo a necessidade de incluir os hipônimos no conjunto de remissivas<sup>29</sup>; na obra eletrônica, ela entrará normalmente como uma remissiva, usando os símbolos apresentados a seguir.

No caso da obra publicada em papel, usamos os símbolos  $\equiv$  (igual) para indicar uma remissiva de sinonímia (que também remete ao paradigma de forma equivalente) e o símbolo  $\neq$  (diferente) para indicar uma remissiva de antonímia. Para assuntos

---

<sup>29</sup> Acreditamos que a disposição gráfica, com os hipônimos na seqüência, fique clara para o leitor.

correlatos (dentro do mesmo campo semântico ou, por exemplo, termos citados no paradigma definicional ou no paradigma pragmático), usamos **Ver:**.

Se a obra for publicada em meio eletrônico, além dos tipos já citados anteriormente, podemos acrescentar um sistema automatizado de remissivas através de hipertexto. Assim, ao clicar o mouse sobre a palavra em azul (que pode fazer parte de qualquer um dos paradigmas do enunciado lexicográfico), a tela saltará para aquele termo. Pode-se também criar uma pequena entrada, através de um menu *pop-up* a ser ativado com a passagem do cursor pelo termo, com as informações básicas sobre o termo em destaque (não havendo, por parte do consultante, a necessidade de trocar de tela).

## **6.6 Ficha terminológica**

Apresentamos a seguir o nosso modelo de ficha terminológica<sup>30</sup>. Os campos não citados anteriormente serão devidamente explicados na seqüência.

---

<sup>30</sup> Tomamos como modelo aquela apresentada por BRAGA (2000).

### Ficha Terminológica

Entrada:	Forma Equivalente:	Cat. Gram.	N°	Sing./Plural	Sigla/Acrônimo	Entrada por extenso	Var. Morfossintáticas	Área	Acepção n°	Cópus	
Contexto:					Conceito1:					Fonte	
Contexto:					Conceito2:					Fonte	
Contexto:					Conceito3:					Fonte	
Contexto:					Conceito4:					Fonte	
Con- ceito	Traços Distintivos										
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
1											
2											
3											
4											
Conceito final:				Termo Dicionarizado? ( )sim ( )não				Definição Dicionarizada:			
				Definições coincidentes? ( )sim ( )não ( ) parcial							
				Fonte (s):							
Definição:				Hiperônimo de:				Sinônimo (s):			
				Hipônimo de:							
				Co-hipônimo de:							
Notas:										Ficha n°	

### 6.6.1 Sobre a ficha terminológica

Algumas considerações são importantes com respeito à ficha terminológica apresentada na página anterior. Quanto à primeira linha, os campos devem ser preenchidos da seguinte maneira:

- Entrada: a palavra com frequência mais comum dentro do campo semântico pesquisado.
- Forma equivalente: repete-se a entrada e coloca-se, na seqüência e em ordem de frequência, todas as formas equivalentes (traduções e sinônimos) do termo, porém nenhuma variação gráfica.
- Cat. Gram. (categoria gramatical), cujas formas possíveis são: *sm* (substantivo masculino), *sf* (substantivo feminino), *sf/m* (substantivo feminino ou masculino, quando não há uma definição clara no córpus), adj. (adjetivo), verbo.
- N° (número): alguns termos podem ser usados com mais frequência no plural, outros no singular. Esse campo deve funcionar em conjunto com o próximo, que deve indicar a outra forma de número em relação a esse.
- Sing./Plural: muitos exemplos, como o caso *software/software*s, podem sofrer um neologismo por decalque. Devem-se apresentar todas as formas de singular ou plural dos substantivos<sup>31</sup>, em contrapartida ao campo anterior, para demonstrar possibilidades paradigmáticas. Quando o substantivo só tem a forma singular, escreve-se *s/pl*, quando só a forma do plural, escreve-se *s/sing*.
- Sigla/Acrônimo: caso a forma extensa de uma lexia complexa seja mais freqüente que a forma de sigla ou acrônimo, colocamos a possibilidade da forma reduzida neste campo.
- Entrada por extenso: inversamente ao campo anterior, caso a forma de sigla ou acrônimo de uma lexia complexa seja mais freqüente que sua forma por extenso, descrevemo-la aqui.

---

<sup>31</sup>A categoria gramatical mais comum.

- Var. Morfossintáticas (variações morfossintáticas): muitos termos, como o já referido *scanner*, apresentam várias grafias vigentes concomitantemente. Colocamos neste campo essas variações.
- Área: partindo da nossa árvore de domínio da informática, temos quatro subáreas principais, além de diversos temas<sup>32</sup>. Vamos nos restringir, neste campo, somente às áreas principais, a saber: software (*soft*), hardware (*hard*), rede e treinamento (*trein.*).
- Acepção n° (acepção número:): caso o termo tenha mais de uma acepção, porém ainda como lexia simples e, portanto, passível de ser inserida na microestrutura, separaremos essas acepções em fichas diferentes.
- Córpus: número de classificação da palavra dentro da listagem de frequência do córpus. Possivelmente importante para futuras pesquisas utilizando os mesmos termos e o mesmo córpus.

A partir da segunda linha, fornecemos os exemplos (contextos), seus respectivos conceitos e as fontes. Dividimos, então, esses conceitos em traços distintivos e o agrupamos sob um conceito final. Desse conceito, retiramos, sob o nosso ponto de vista, o que seria uma definição final do termo.

Paralelo a esses campos de conceito final e definição, dispomos um campo para comparação com termos já dicionarizados (seguido de mais um com a respectiva definição dicionarizada, se existente) e outro com relações de heteronímia, hiponímia e co-hiponímia (todos bastante úteis para a classificação do termo dentro da macro/microestruturas, conforme já mencionado). Ainda dentro deste bloco, temos o campo formador do sistema de remissivas, com os sinônimos, antônimos e conceitos relacionados ao termo.

---

<sup>32</sup> Segundo modelo proposto por AUBERT (1996, p. 61-62).

Na última linha, reservamos um espaço para comentários que o pesquisador encarregado da ficha achar necessário, além do número da ficha, seguindo uma ordem crescente.

### **6.7 Tipo de mídia de saída**

Ao propormos um modelo de dicionário, devemos levar em conta o tipo de mídia por meio da qual será publicado. Até dez anos atrás, esse tipo de questionamento não era necessário, já que todas as obras lexicográficas/terminológicas deveriam ser impressas no formato de livro. Com o desenvolvimento tecnológico na área de computação e, especialmente, no campo do armazenamento de dados, duas novas possibilidades se descortinaram para o estudioso que está preparando sua obra: o CD-ROM e a Internet. Com muitas diferenças em relação ao velho livro, essas mídias estão revolucionando o modo de pensar lexicográfico/terminológico. Tais diferenças, que refletem tanto as possibilidades quanto as limitações intrínsecas ao meio, podem ser sintetizadas como segue:

<b>Característica</b>	<b>Livro</b>	<b>CD-ROM</b>	<b>Internet</b>
Preço	Geralmente caro, em virtude da grande quantidade de páginas e o preço da impressão.	Relativamente barato, já que o custo de fabricação de um CD é barato.	Tecnicamente muito baixo. Somente o custo de acesso por parte do cliente.
Durabilidade	Grande, desde que os devidos cuidados sejam tomados.	Aproximadamente cem anos.	Enquanto existir uma conexão e quem ofereça o serviço, eternamente.
Quantidade de Palavras	Limitada ao tamanho proposto pela editora.	Limitada à quantidade de dados que podem ser armazenadas em um disco (aproximadamente 700 MB).	Ilimitada.
Atualizações	Somente com uma nova edição.	O banco de dados pode ser atualizado através da Internet.	Podem ser constantes, dependendo do tipo de projeto a ser desenvolvido.
Facilidade de uso nas remissivas	Depende do projeto da macro- e microestruturas.	Fácil, o hipertexto pode remeter a qualquer termo.	Fácil, o hipertexto pode remeter a qualquer termo.
Manuseabilidade	Fácil de manusear; dificuldade somente com os grandes dicionários de língua (peso).	Depende do computador e necessita de um drive de CD-ROM.	Depende do computador e necessita de uma conexão dedicada.
Velocidade de busca	Lenta.	Rápida.	Rápida.

## 6.8 Aplicação do modelo proposto

Levando em consideração que, nos dias de hoje, o serviço de Internet e seus diversos tipos de conexão (como a banda larga) já oferecem qualidade suficiente para que o tradutor possa deles tirar proveito, concentraremos nossa proposta em mais de um modelo, além daquele voltado exclusivamente para a publicação impressa.

Somando todos os itens anteriormente propostos para a macro/microestrutura e o sistema de remissivas, a esquematização do verbete no modelo proposto, apresenta-se da seguinte maneira:

**Artigo** = {**entrada** + **EL**<sub>1</sub> (± **PFE** + **PI** + **PD** + **PP**) ± **EL**<sub>2</sub> ± **EL**<sub>n</sub>}, onde:

**EL** (Enunciado Lexicográfico)

**PFE** (Paradigma de Forma Equivalente): [± **PFE**<sub>1</sub> ± **PFE**<sub>2</sub> ± **PFE**<sub>3</sub>, ± **PFE**<sub>n</sub>]

**PI** (Paradigma Informacional): [+ Área de Especialidade ± Sigla ± Acrônimo ± Forma por extenso + Categoria Gramatical ± Gênero ± Número ± Forma singular/plural ± Variantes Morfossintáticas]

**PP** (Paradigma Pragmático): [+ Abonação ± Remissiva]

+: obrigatoriedade

±: opcionalidade

### 6.8.1 Exemplificação

O modelo proposto sugere a inclusão de exemplificação, proveniente do corpus. Para tanto, consideraremos cinco palavras tiradas, com as respectivas fichas terminológicas e a composição final do verbete.

### 6.8.1.1 Considerações sobre o processo de exemplificação

Uma das grandes dificuldades encontradas no processo de exemplificação foi conceituar os termos mais comuns, aqueles já dicionarizados. Palavras como *Internet* (trigésima primeira palavra mais freqüente no córpus), *site* (trigésima segunda) e *Windows* (trigésima nona) não mais são consideradas como termos específicos da área. Conseqüentemente, a construção de seus verbetes apresentaria problemas se essa fosse baseada somente no córpus de estudo. Os contextos explicativos e definitórios são raros, mesmo se levarmos em conta os glossários que surgem nas publicações<sup>33</sup>.

Em casos como esses, um córpus com uma periodicidade de um ano é insuficiente para a elaboração de uma obra terminológica. Haveria a necessidade de uma coletânea com caráter sincrônico contínuo (os últimos quinze anos, por exemplo) ou diacrônico (a escolha de alguns anos em específico, no mesmo período de tempo). Optamos, então, por exemplificar a construção dos verbetes com termos não-dicionarizados<sup>34</sup> (neológicos), porém com grande freqüência na área, ou ainda termos dicionarizados, porém sem acepções voltadas para a área de informática.<sup>35</sup>

### 6.8.1.2 Fichas terminológicas

Apresentamos a seguir, baseadas no modelo anteriormente proposto, cinco fichas terminológicas para alguns termos retirados do córpus.

---

<sup>33</sup> Podemos afirmar, com base em nossa experiência na área, que essa realidade seria diferente há dez anos. Os termos citados ainda não eram de conhecimento da maioria do público e, portanto, apareciam em contextos definitórios e explicativos com maior freqüência.

<sup>34</sup> Dicionários gerais da língua: Aurélio, Houaiss e Michaelis.

<sup>35</sup> Essa idéia, que a princípio parecia apropriada, demonstrou-se de trabalhosa execução. O dicionário Houaiss, por ter sido lançado em dezembro/2001, contém quase todos os termos mais freqüentes da área. Se a pesquisa do córpus fosse estendida para o ano de 2002, com certeza muitos neologismos se destacariam.

Entrada: Linux	Forma Equivalente: Linux	Cat. Gram. sm	Nº s	Sing./Plural s/pl.	Sigla/Acrônimo	Entrada por extenso	Var. Morfossintáticas	Área Soft.	Acepção nº única	Cópus 146	
Contexto: Larry Lessig e Charles Nesson, dois professores de Harvard, basearam-se no modelo de código aberto do Linux...						Conceito1: modelo de código aberto				Fonte INFO 07.2001	
Contexto: Como muitos sabem, o sistema operacional Linux tem seu código aberto, ou seja, qualquer pessoa tem acesso a sua estrutura.						Conceito2: sistema operacional de código aberto				Fonte OESP 04.06.2001	
Contexto: Biografia conta a história de inventor do "Linux" O finlandês Linus Torvalds narra sua vida em "Linux - Só Por Prazer",...						Conceito3: criado por Linus Torvald				Fonte FSP 27.06.2001	
Contexto: Torvalds decidiu distribuir o código-fonte do "Linux" na rede, permitindo que interessados de todo o mundo personalizassem e aperfeiçoassem o sistema.						Conceito4: código-fonte pode ser personalizado e aperfeiçoado				Fonte FSP 22.08.2001	
Conceito	Traços Distintivos										
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
	1	modelo		código		aberto					
	2	sistema	operacional	código		aberto					
	3					criado	finlandês	Linus Torvald			
4			código	fonte			rede	interessados	personalizado	aperfeiçoado	
Conceito final: sistema operacional baseado no modelo de código aberto, criado pelo finlandês Linus Torvald, cujo código fonte pode ser personalizado e aperfeiçoado por qualquer interessado no mundo inteiro.				Termo Dicionarizado? ( )sim ( x )não Definições coincidentes? ( )sim ( )não ( ) parcial Fonte (s):				Definição Dicionarizada:			
Definição: Sistema operacional de código aberto, criado por Linus Torvald, que pode ser personalizado e aperfeiçoado por qualquer um interessado.				Hiperônimo de: Hipônimo de: Co-hipônimo de:				Sinônimo (s): Antônimo (s): Conceitos Relacionados: sistema operacional, código aberto			
Notas: O sistema operacional Linux é o grande rival do Windows, da Microsoft. Ao contrário desse, o Linux não tem um proprietário, mas apenas distribuições diferentes de acordo com as firmas de programação.										Ficha nº 1	

Entrada: banda larga	Forma Equivalente: Banda larga, broadband	Cat. Gram. sf	Nº s	Sing./Plural	Sigla/Acrônimo	Entrada por extenso	Var. Morfossintáticas	Área rede	Acepção nº única	Cópus 311	
Contexto: A Coréia do Sul é, de longe, o país em que a banda larga mais prospera no mundo: até fevereiro, nada menos que 57,3% dos lares já navegavam em alta velocidade pela internet,...						Conceito1: navegação em alta velocidade pela internet.				Fonte INFO 05.2001	
Contexto: Ter uma conexão de banda larga melhora muito a navegação na rede: além de abrir páginas com mais rapidez, o PC torna-se capaz de fazer downloads em menos tempo e consegue reproduzir transmissões audiovisuais com qualidade razoável. Além disso, os serviços de acesso rápido permitem que o micro fique conectado o tempo todo sem que o usuário precise se preocupar com a cobrança de pulsos telefônicos.						Conceito2: navegação com rapidez, downloads em menos tempo, reprodução de transmissões audiovisuais, conexão o tempo todo sem custo de telefone.				Fonte FSP 05.09.2001	
Contexto: Qualquer ser vivo que tenha sentado dez minutos na frente de um computador saca o óbvio: tudo poderia - e deveria - ser muito, muito mais rápido ali. Ganhar velocidade no PC é, digamos assim, uma ambição universal. Abrange tanto a tribo da banda estreita quanto a da banda larga - quem, mesmo plugado com cable modem ou ADSL, não se irrita com alguma frequência com as páginas que não eeeeeentram?						Conceito3: conexão através de cable modem ou ADSL, comparação com a banda estreita.				Fonte INFO 12.2001	
Contexto: Comunicação de dados em alta velocidade. Há diversas tecnologias de comunicação em banda larga. ISDN, ADSL e cable modem são três exemplos. As duas primeiras usam linhas telefônicas para a transmissão, enquanto a tecnologia de cable modem faz uso dos cabos de TV por assinatura						Conceito4: comunicação de dados em alta velocidade; cable modem, ADSL ou ISDN				Fonte INFO 02.2001	
Con- ceito	Traços Distintivos										
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K
	1	Navegação		alta velocidade							internet
	2	navegação		rapidez	downloads	reprodução	custo				telefone
	3	conexão						cable modem	ADSL		
4	comunicação	dados	alta velocidade				tecnologia	cable modem	ADSL	ISDN	
Conceito final: navegação em alta velocidade pela Internet, possibilitando a comunicação de dados (como downloads), através das tecnologias de cable modem, ADSL ou ISDN e sem custo de telefone.				Termo Dicionarizado? ( )sim ( x )não Definições coincidentes? ( )sim ( )não ( )parcial Fonte (s):				Definição Dicionarizada:			
Definição: navegação em alta velocidade pela internet através das tecnologias de cable modem, ADSL ou ISDN.				Hiperônimo de: Hipônimo de: banda Co-hipônimo de: banda estreita				Sinônimo (s): broadband Antônimo (s): banda estreita Conceitos Relacionados: cable modem, ADSL, ISDN, telefonia celular			
Notas:										Ficha nº 2	

Entrada: USB	Forma Equivalente: USB	Cat. Gram. sf, sm	N°	Sing./Plural s/pl	Sigla/Acrônimo	Entrada por extenso Universal Serial Bus	Var. Morfossintáticas	Área hard	Acepção n° única	Córpus 424	
Contexto: A interface USB é preferível, pois simplifica a conexão do modem e fornece a energia elétrica necessária ao funcionamento do acessório. A maioria dos PCs modernos conta com pelo menos duas entradas USB.					Conceito1: interface que simplifica conexões e fornece energia elétrica para o funcionamento do acessório. Geralmente existem duas entradas por computador.					Fonte FSP 18.04.2001	
Contexto: Hub USB - Dispositivo que permite ligar uma porta USB a vários periféricos - em geral quatro. Com o uso de hubs, cada porta USB suporta até 127 conexões em cascata.					Conceito2: através de Hubs, cada porta suporta até 127 conexões em cascata.					Fonte INFO 12.2001	
Contexto: USB - Sigla de Universal Serial Bus, o USB é um padrão recente já consolidado e usado largamente em dispositivos como mouses, impressoras, scanners, teclados e até caixas acústicas. A versão 1.0, suportada pela maioria dos computadores recentes, transfere dados à taxa de 12 Mbps. Quarenta vezes mais rápida, a versão 2.0 transmite a até 480 Mbps.					Conceito3: sigla de Universal Serial Bus, padrão recente usado em vários dispositivos, transferindo dados à taxa de 12 Mbps (versão 1) ou 480 Mbps (versão 2).					Fonte INFO 12.2001	
Contexto: Não faça isso, você pode estragar a placa de CPU! Não devemos conectar e desconectar dispositivos ligados, exceto aqueles que são feitos para suportar esta operação, como por exemplo, os periféricos USB.					Conceito4: dispositivos que podem ser conectados ou desconectados enquanto o computador está ligado.					Fonte OESP 16.04.2001	
Con- ceito	Traços Distintivos										
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	
	Interface	Simplifica	Conexão	Fornecer energia	Acessório	Duas entradas					
	porta						127 conexões	Cascata			
	Padrão				Dispositivos				Transferência de dados	12 ou 480 Mbps	
4	Dispositivo		Conectado	Ligado/desligado							
Conceito final: porta (geralmente duas), interface, padrão ou dispositivo do computador, através dos quais energia e dados (a uma taxa de 12 Mbps, na versão 1, ou 480 Mbps, na versão 2) são transferidos do computador para acessórios nele ligados, possibilitando até 127 conexões simultâneas.				Termo Dicionarizado? ( )sim ( x )não Definições coincidentes? ( )sim ( )não ( ) parcial Fonte (s):				Definição Dicionarizada:			
Definição: padrão de comunicação entre o computador e periféricos, através do qual trafegam eletricidade (que alimenta esses periféricos) e dados (à 12 ou 480 Mbps).				Hiperônimo de: Hipônimo de: interface, porta, conexão, padrão, periférico, dispositivo, cabo, terminal, hub Co-hipônimo de: paralelo, serial, SCSI				Sinônimo (s): Antônimo (s): Conceitos Relacionados: paralelo, serial, SCSI			
Notas:									Ficha n° 3		

Entrada:	Formas Equivalentes:	Cat. Gram.	Nº	Sing./Plural	Sigla/Acrônimo	Entrada por extenso	Var. Morfossintáticas	Área rede	Acepção nº única	Córpus 1063
wireless	Wireless, sem fio	sm	s	s/pl						
Contexto: A D-Link, empresa que fabrica e comercializa equipamentos para conectividade, está lançando uma solução para empresas montarem redes locais sem fio (wireless)						Conceito1: rede local sem fio				Fonte OESP 08.01.2001
Contexto: Michael Miller, apresenta de forma bombástica o Bluetooth, que na verdade é uma especificação de 1.500 páginas, fruto da associação das empresas Ericsson, IBM, Intel, Nokia e Toshiba, em torno da tecnologia wireless - ou, como é mais conhecida, comunicação sem fio.						Conceito2: tecnologia de comunicação sem fio.				Fonte OESP 10.12.2001
Contexto: A tecnologia de conexão wireless (sem fio) entre computadores é uma boa alternativa para quem não quer gastar dinheiro na instalação de cabos.						Conceito3: tecnologia de conexão sem fio.				Fonte FSP 03.01.2001
Contexto: Wireless - Expressão genérica que designa sistemas de telecomunicações nos quais as ondas eletromagnéticas - e não fios - se encarregam do transporte dos sinais.						Conceito4: sistema de telecomunicações baseado em ondas eletromagnéticas.				Fonte INFO 02.2001
Conceito	Traços Distintivos									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
	1	rede	local							
	2			tecnologia	comunicação	sem fio				
	3			tecnologia	conexão	sem fio				
4			sistema	telecomunicações		ondas eletromagnéticas				
Conceito final: rede local, baseada na tecnologia de comunicação sem fio por ondas eletromagnéticas				Termo Dicionarizado? ( )sim ( x )não			Definição Dicionarizada:			
				Definições coincidentes? ( )sim ( )não ( )parcial						
				Fonte (s):						
Definição: tecnologia de comunicação sem fios por ondas eletromagnéticas.				Hiperônimo de:			Sinônimo (s): sem fio			
				Hipônimo de: rede			Antônimo (s):			
				Co-hipônimo de:			Conceitos Relacionados: redes			
Notas:									Ficha nº 4	

Entrada: Peer-to-peer	Forma Equivalente: P2P, ponto a ponto	Cat. Gram. sm	Nº s	Sing./Plural s/pl	Sigla/Acrônimo P2P	Entrada por extenso	Var. Morfossintáticas	Área rede	Acepção nº única	Cópus 1219
Contexto: Depois de assustar músicos e gravadoras, os programas para troca de arquivos entre internautas (conhecidos como "peer-to-peer") começam a provocar a indústria cinematográfica. A maior parte dos programas "peer-to-peer" que surgiram depois do "Napster", diferentemente da criação de Shawn Fanning, permitem que os usuários compartilhem não apenas vídeos mas também imagens e software, além de músicas em MP3.						Conceito1: programas para troca de arquivos entre internautas			Fonte FSP 11.07.2001	
Contexto: Pretendemos desenvolver mais produtos interessantes baseados na tecnologia "peer-to-peer" [ponto a ponto], que permite a comunicação de usuários em locais diferentes" e chamar mais companhias para expandir o negócio.						Conceito2: tecnologia ponto a ponto, que permite a comunicação de usuários em locais diferentes			Fonte FSP 01.08.2001	
Contexto: Mas, para fazer tudo isso ao mesmo tempo, só com uma aplicação peer-to-peer (colega a colega ou "entre pares"). Em vez de servidores centralizadores, o peer-to-peer se apóia na conexão direta entre pares, que se revezam nos papéis de cliente e servidor.						Conceito3: conexão direta entre pares (ou colega a colega), que se revezam nos papéis de cliente e servidor.			Fonte OESP 05.03.2001	
Contexto: Peer-to-peer - Modelo de conexão no qual cada um dos equipamentos conectados tem os mesmos recursos e cada parte pode dar início a uma sessão. Na internet, refere-se a uma rede transitória que garante a um grupo de usuários com o mesmo programa acessar arquivos instalados no disco rígido de outros. É o princípio utilizado pelo Napster e programas e serviços similares. ... Discussões sobre direito autoral à parte, a verdade é que o P2P nunca mais será o mesmo						Conceito4: rede transitória que garante a um grupo de usuários com o mesmo programa acessar arquivos instalados no disco rígido de outros.			Fonte INFO 02.2001	
Conceito	Traços Distintivos									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
	1	programa		troca	arquivos	internautas				
	2	tecnologia	ponto a ponto	comunicação		usuários	locais diferentes			
	3			Conexão direta		Pares, colega a colega		Revezamento	Cliente	Servidor
4	Rede transitória			Acesso de arquivos	Usuários					Disco rígido
Conceito final: programas que criam uma rede transitória ponto a ponto para a troca de arquivos entre usuários de locais diferentes, revezando as máquinas desses usuários como clientes e servidores e possibilitando o acesso a arquivos nos respectivos diretórios.				Termo Dicionarizado? ( )sim ( x )não Definições coincidentes? ( )sim ( )não ( ) parcial Fonte (s):			Definição Dicionarizada:			
Definição: rede ponto a ponto entre usuários, especialmente através da Internet, que podem trocar arquivos entre si.				Hiperônimo de: Hipônimo de: Co-hipônimo de:			Sinônimo (s): ponto a ponto Antônimo (s): Conceitos Relacionados: download, upload,			
Notas: os conceitos X2X foram muito populares durante o ano de 2001. Temos vários acrônimos: B2B, P2P, B2C, etc. Quando houve a queda das companhias baseadas unicamente na Internet (em fim de 2001), muitos desses acrônimos caíram junto. O termo P2P parece continuar porque muitas pessoas continuam trocando arquivos (a maioria ilegal) pela rede.										Ficha nº 5

### 6.8.1.3 Construção dos verbetes

Para os termos apresentados nas páginas anteriores, propomos as seguintes construções de verbetes, demonstrando, através de cada um, as diversas possibilidades de composição das macro/microestruturas e do sistema de remissivas anteriormente discutidas:

#### A. Forma impressa x forma eletrônica

##### *Forma Impressa*

**Linux.** (Linux). *soft. s.m.s.* Sistema operacional de código aberto, criado por Linus Torvald, que pode ser personalizado e aperfeiçoado por qualquer um interessado. *Ex.:* Como muitos sabem, o sistema operacional Linux tem seu código aberto, ou seja, qualquer pessoa tem acesso a sua estrutura.. *Ver:* sistema operacional, código aberto.

##### *Forma Eletrônica*<sup>36</sup>

**Linux.** (Linux). *soft. s.m.s.* Sistema operacional de código aberto, criado por Linus Torvald, que pode ser personalizado e aperfeiçoado por qualquer um interessado. *Ex.:* Como muitos sabem, o sistema operacional Linux tem seu código aberto, ou seja, qualquer pessoa tem acesso a sua estrutura.. *Ver:* sistema operacional, código aberto.

Conjunto de aplicativos que comanda as principais funções do computador.

#### B. Relação de hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia.

##### **Banda.** xxxxxxxx<sup>37</sup>

**Banda larga.** (banda larga, broadband). *rede. s.f.s.* Navegação em alta velocidade pela internet através das tecnologias de cable modem, ADSL ou ISDN. *Ex.:* A Coréia do Sul é, de longe, o país em que a banda larga mais prospera no mundo: até fevereiro, nada menos que 57,3% dos lares já navegavam em alta velocidade pela Internet. ≠ banda estreita. *Ver:* cable modem, ADSL, ISDN, telefonia celular.

##### **Banda estreita.** xxxxxxxx

<sup>36</sup> Apresentamos aqui um exemplo de como funcionaria o sistema de remissivas proposto. Ao passar o mouse sobre os termos ligados à área (no caso da entrada *Linux*, a lexia composta *sistema operacional*), o consultante tem acesso a uma breve definição da lexia. Clicando sobre ela, o programa pode remeter direto ao termo, com seu enunciado completo.

<sup>37</sup> Não pesquisamos os outros termos relacionados. Apenas os colocamos, dentro das relações demonstradas na ficha terminológica, na relação de macroestrutura proposta.

### C. Sigla.

**USB.** (USB). *hard.* Universal Serial Bus. s.f/m.s. Padrão de comunicação entre o computador e periféricos, através do qual trafegam eletricidade (que alimenta esses periféricos) e dados (à 12 ou 480 Mpbs). *Ex.:* A interface USB é preferível, pois simplifica a conexão do modem e fornece a energia elétrica necessária ao funcionamento do acessório. A maioria dos PCs modernos conta com pelo menos duas entradas USB. *Ver:* paralelo, serial, SCSI.

### D. Empréstimos

**Wireless.** (wireless, sem fio). *rede.* s.m.s. Tecnologia de comunicação sem fios por ondas eletromagnéticas. *Ex.:* A tecnologia de conexão wireless (sem fio) entre computadores é uma boa alternativa para quem não quer gastar dinheiro na instalação de cabos. *Ver:* redes.

**Peer-to-peer.** (Peer-to-peer, P2P, ponto a ponto). *rede.* P2P. s.m.s. Rede ponto a ponto entre usuários, especialmente através da Internet, que podem trocar arquivos entre si. *Ex.:* Pretendemos desenvolver mais produtos interessantes baseados na tecnologia "peer-to-peer" [ponto a ponto], que permite a comunicação de usuários em locais diferentes" e chamar mais companhias para expandir o negócio. *Ver:* download, upload.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consulta a dicionários constitui uma atividade esporádica para pessoas de diferentes áreas de atuação e, talvez, rotineira para os profissionais que lidam com a escrita. Para o consultante de áreas técnicas, a escolha do dicionário revela-se uma tarefa árdua, uma vez que o material disponível nem sempre vai de encontro às necessidades do profissional. Ao buscar um significado monossêmico, necessário naquela hora determinada, em um dicionário geral de língua, encontrará significados polissêmicos e, provavelmente, nenhuma exemplificação.

Ele tentará, então, trabalhar com uma obra, mono-, bi- ou plurilíngüe, específica para sua área de interesse. Supostamente suas dúvidas seriam sanadas, mas para muitos, que buscam solucionar questões de ordem lexical (ou mesmo sintáticas e/ou pragmáticas) quanto ao sentido em obras lexicográficas/terminográficas, as dúvidas aumentam ou tendem a aumentar.

As dificuldades começam com os títulos das obras. Haveria a necessidade de mudança dos títulos de *dicionários* para *vocabulários* ou *glossários* (conforme a posição teórica a ser adotada). A palavra *dicionário* pressupõe ao leitor que está acostumado a folhear um Aurélio, um Houaiss ou um Michaelis, que aquela obra será a mais completa possível na área.

Isso, na verdade, não acontece porque a maioria das obras está direcionada para o vocabulário de uma região, para as escolhas e seleção de palavras por um lexicógrafo/terminólogo, para os limites de tamanho e/ou vendagem que uma editora determina, etc. Esse direcionamento deveria, ao contrário, refletir o resultado de uma pesquisa em corpus variado o bastante para retratar a realidade daquela área e para a estruturação da obra mais adequada àquele profissional.

A área de terminologia, nas últimas duas décadas, vêm se desenvolvendo a grande velocidade, sobretudo em países bilíngües como a Espanha e o Canadá. Frente a necessidade prática que enfrentam (povos com falas diferentes dentro de um mesmo país, porém ambas consideradas como língua nacional ou padrão, de acordo com a

região), as autoridades desses países investiram no trabalho terminológico e terminográfico para tentar harmonizar e padronizar o uso dessas duas (ou mais) línguas em áreas técnicas. Muitas obras terminológicas bilingües nessas áreas foram publicadas recentemente, na tentativa de alcançar a padronização terminológica à nível regional (assim como a ISO o faz a nível internacional). Nossa proposta leva em conta uma parcela dessa problemática nos países bilingües, que é a padronização da estrutura das obras terminológicas.

A padronização, e não necessariamente a normatização, como propõe a ABNT, vem, cada dia mais, sendo requerida para a confecção de obras terminológicas. Tal padronização pode ser norteada por itens fundamentais, que constam dos princípios terminológicos mais modernos:

- a. o destinatário da obra;
- b. um cópüs de pesquisa representativo;
- c. um rígido controle na construção das macro/microestruturas e o sistema de remissivas.

O destinatário, por exemplo, como abordado neste trabalho, pode ser o profissional da tradução. O ofício do tradutor requer uma grande habilidade no trato da linguagem, especialmente no que se refere ao léxico a ser empregado.

Para atingir um resultado satisfatório, o profissional deve ter, além de grande conhecimento da língua de partida e da língua de chegada, materiais de consulta que atendam às demandas exigidas pelo mercado. Os dicionários bilíngües gerais já estão no mercado há várias décadas, mas nem sempre são eficazes, especialmente quando se trabalha com áreas de especialidade. Mesmo que, dentro dessas áreas, encontremos alguma obra que se adeqüe às necessidades do profissional, percebemos que a maioria ainda está muito distante de um mínimo de padronização presente em um dicionário de língua.

O mercado de trabalho exige que o tradutor, além do conhecimento razoável de línguas, apresente uma alta taxa de produtividade em termos de quantidade de texto/hora de trabalho, em vista dos prazos exíguos. Além disso, ele deve saber quais as acepções ou sinônimos mais comuns que pode empregar em determinado texto. Os

dicionários gerais, dicionários de especialidade, vocabulários e glossários — suas maiores fontes de consulta para solução de dúvidas no tocante ao léxico — raramente foram elaborados para os tradutores. Suas macroestruturas, microestruturas, sistema de remissivas e a quantidade de verbetes inclusos, são aspectos pensados como reflexo de um dicionário geral da língua, cujo público alvo são todos os falantes da língua em questão, ou seja, um público completamente heterogêneo.

Tendo em vista os dicionários por nós analisados, percebemos que o empenho em relação à padronização, no tocante às obras terminológicas da área de informática aqui produzidas (ou traduzidas, respeitando as indefinições dos originais), é quase que irrelevante ou nulo.

Para levarmos nossa proposta adiante, percebemos que a obra a ser elaborada não pode simplesmente copiar verbetes de outros dicionários e agrupá-los em uma nova capa (embora isso aparentemente tenha sido feito na área até há pouco tempo). Há a necessidade de se definir *quanto?* e *o quê?* deve ser incluso nela. A tendência das obras terminológicas atuais é usar um corpus baseado na área de especialidade, em que a frequência de surgimento dos termos e seus respectivos exemplos de uso vão determinar quais devem ser incorporados e quais devem ser descartados, levando-se em conta o limite físico e/ou comercial para a obra. Obviamente, podemos colocar todos os termos específicos da área, especialmente se não houver esse limite físico (por exemplo, na mídia eletrônica) que impeça isso. A partir desse momento, temos um corte na nomenclatura da língua, relacionando termos (ou acepções) para uma determinada área.

Tendo o corpus de especialidade disponível e todas as informações acerca do destinatário final, devemos, então, refletir sobre a estrutura interna da obra. A macroestrutura deverá ser composta por uma seleção semasiológica (a mais comum, em ordem alfabética) ou onomasiológica? As relações de hiperonímia, hiponímia e co-hiponímia serão trabalhadas como verbetes diferentes ou acepções diferentes dentro do mesmo verbete? Qual será o projeto gráfico adequado para a disposição desses verbetes, tendo em vista a mídia de saída e o consumidor final?

Os componentes da microestrutura devem ser analisados com bastante cuidado antes de se elaborar a padronização proposta. Será que todos os paradigmas são necessários? Será que todos os sub-itens de cada paradigma são necessários? Como deve ser a disposição interna desse artigo, na relação entre os paradigmas e, dentro desses, seus sub-itens? E o sistema de remissivas? Deve-se questionar a necessidade de se colocarem sinônimos, antônimos, itens correlatos no campo semântico, etc., uma vez que, em demasia, podem poluir o visual do artigo e dificultar sua compreensão.

Pelas obras disponíveis no mercado e analisadas neste trabalho, percebemos que muitas dessas perguntas não foram sequer cogitadas, muito menos respondidas. Algumas delas parecem ter, ao menos, tentado padronizar sua construção e, como consequência, são designadas como obras “mais sérias” (como o dicionário da Microsoft). Outras parecem ter sido compostas em questão de horas, levando em conta as necessidades visuais do público-alvo (o que é um ponto a favor) e negligenciando a estrutura interna (como é o caso do Minidicionário Saraiva).

Acreditamos que, com a apresentação do nosso modelo de glossário, cumprimos com o objetivo inicial deste trabalho, que era a proposta de um modelo de micro/macroestruturas e sistema de remissivas que atenda às necessidades do tradutor. Talvez mais que um modelo para uma área em específico, estejamos propondo um modelo que possa ser aplicado à várias áreas (com respectivas adaptações, naturalmente) na produção terminográfica do Brasil.

No percurso dessa proposta, discutimos noções básicas vinculadas à tradução — fundamentadas nas *Modalidades* apresentadas por Aubert — e à elaboração de um *cópus* de análise na área de informática. Posteriormente, procedemos à uma análise contrastiva de obras dessa área e identificamos as características subjacentes à macro/microestruturas e ao sistema de remissivas. Com base nessas análises, precedidas de um mapeamento do domínio da informática, construímos um modelo viável para a elaboração de uma obra terminográfica.

## Referências

### ***Bibliografia Geral***

ALVES, I. M. (Coord.) **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Neologismo – criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, M.M. Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. In: SILVA, José P. da (Org.). **Semântica e Lexicografia**. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000.

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH-USP, 1996.

\_\_\_\_\_. Modalidades de Tradução – teorias e resultados. In: **TradTerm 5.1**. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH-USP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Prefácio*. In: ALVES, I. M. (Coord.) **Glossário de termos neológicos da economia**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BACELLAR, F. **Elementos para a Elaboração de um Dicionário Terminológico Bilingüe em Ciências Agrárias**. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

BAKER, M. Corpus in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research. In: **Target 7:2**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.

BERGERON, M.; KEMPA, C. **Vocabulaire d'Internet: terminologie des Technologies de l'information: vocabulaire anglais-français**. Montreal: Office de la langue française, [1995?]

BIDERMANN, M.T.C. **Teoria Lingüística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOUTIN-QUESNEL et alii. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985.

BRAGA, R. **Para a elaboração de um vocabulário sistemático monolíngüe da Telefonia Celular**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2001.

CABRÉ, M. T. **La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CAMPOS, M. C. **Sobre la elaboración de diccionarios monolíngües de producción. Las definiciones, los ejemplos y las colocaciones léxicas**.

CARVALHO, N. **Empréstimos Lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

DUBOIS, J. et alii. **Dicionário de Lingüística**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

HAENSCH, G. Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: ETTINGER, S. et alii. **La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI**. Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

ISO - International Organization for Standardization. Norma 1087: **Terminology - Vocabulary**. Genebra, 1990.

KREMER, L.M.S. **A tradução e o intraduzível na área de informática: do empréstimo ao transbordamento de línguas**. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP, 1999.

**MICHAELIS PORTUGUÊS – Moderno Dicionário da Língua**. Versão 1.0. São Paulo: DTS, 1998.

OLIVEIRA, A.M. P. P. e ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

SARDINHA, T. B. **O que é um corpus representativo?** Inédito, 1999.

VILELA, M. . **Definição nos dicionários de português**. Porto: ASA, 1983.

### **Cópus de Dicionários**

Dicionário Prático de Informática. In: **DICMaxi, Dicionário Multimídia Michaelis**. São Paulo: DTS, [199?]. 1 CD-ROM.

GENNARI, M. C. **Minidicionário Saraiva de informática**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

**Microsoft PRESS, Dicionário de Informática.** Tradução: Gilberto Castro e Valéria Chamon. 4 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Tradução de: Microsoft PRESS, computer dictionary. 3 ed.

PFÄFFENBERGER, B. **Webster's New World: Dicionário de Informática.** Tradução: Valéria Chamon. Rio de Janeiro: Campus, 1998. Tradução de: Webster's new world: dictionary of computer terms.

WILLIAMS, R.; CUMMINGS, S. **Jargão: o dicionário informal dos termos da informática.** Tradução: Laura K. Gillon. São Paulo: Callis, 1994. Tradução de: Jargon, an informal dictionary of computer terms.

### **Cópus de Informática**

Folha Informática. In: **Folha de São Paulo.** Publicação semanal, início em 03.01.2001, término em 19.12.2001.

Informática. In: **O Estado de São Paulo.** Publicação semanal, início em 01.01.2001, término em 31.12.2001.

**INFO Exame,** Editora Abril. Revista mensal, início em 01.2001, término em 12.2001.

### **Documentos consultados Online**

**Catálogo de Normas ABNT.** Disponível em: <<http://www.abntdigital.com.br>>  
Acesso em 06.07.2002.

**ISO Standards.** Disponível em: <<http://www.iso.ch/iso/en/ISOOnline.frontpage>>  
Acesso em 06.07.2002.

### **Programa de análise lexical**

SCOTT, M. **WordSmith Tools.** v 3. 1999.

## **ANEXO**

Encontra-se em anexo, na contracapa dessa obra, um CD-ROM contendo todo o *córpus* analisado, tanto na versão integral dos documentos, quanto nas versões em que eles foram separados entre traduções e produções originais. Também foi anexado uma versão de avaliação do programa de análise lexical, para quem desejar testar o *córpus*.